

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR E DO  
DESENVOLVIMENTO HUMANO

Samara Oliveira Rocha

AS DIFERENÇAS DE GÊNERO NAS PREFERÊNCIAS DE BRINQUEDOS DE  
CRIANÇAS DE 9 A 32 MESES DE IDADE

São Paulo

2023

Samara Oliveira Rocha

As diferenças de gênero nas preferências de brinquedos de crianças de 9 a 32 meses de  
idade

*Versão corrigida*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para  
obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do  
Desenvolvimento Humano

Orientadora: Profa. Dra. Maria Thereza Costa Coelho de  
Souza

São Paulo

2023

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTETRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rocha, Samara Oliveira

As diferenças de gênero nas preferências de brinquedos de crianças de 9 a 32 meses de idade / Samara Oliveira Rocha; orientadora Maria Thereza Costa Coelho de Souza. -- São Paulo, 2023.

100 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Estereotipo de gênero. 2. Infância. 3. Brinquedos. 4. Desenvolvimento de gênero. I. Souza, Maria Thereza Costa Coelho de , orient. II. Título.

Nome: Samara Oliveira Rocha

Título: As diferenças de gênero nas preferências de brinquedos de crianças de 9 a 32 meses de idade

Orientadora: Maria Thereza Costa Coelho de Souza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

### **Banca Examinadora**

Profa. Dra. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho à todas as meninas curiosas e mulheres fortes que escolheram  
desbravar o mundo em defesa ao conhecimento.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que atravessaram meu caminho e influenciaram, de alguma forma, a minha postura profissional.

Aos meus pais, Edineia Oliveira e Paulo Ramos Rocha, por terem me estimulado desde a infância a valorizar a Educação e apoiarem de todas as formas o meu percurso até aqui.

Ao meu companheiro, Italo Ramon Rodrigues Menezes, por ser parceiro e alicerce em todos esses anos, na vida acadêmica e pessoal. O seu incentivo, segurança e paciência foram as bases para as primeiras palavras desse projeto.

À minha família. Em especial, aos meus irmãos, Ana Paula Oliveira Rocha e Patrick Almeida Rocha, por serem o humor e a teimosia da minha vida. Foi com eles que aprendi a defender às minhas ideias, um ponto central desse trabalho. Aos meus sogros, Edileide Rodrigues Feitosa de Araújo e Carlos Alberto Menezes de Araújo, e meus cunhados, Igor Jhonatan Rodrigues Menezes e Israel Victor Rodrigues Menezes, pela estima e suporte para eu conseguir seguir em minha formação nesses últimos anos. Também valorizo a assistência aqui em São Paulo, da minha madrastra, Fernanda Aparecida Teixeira, da minha cunhada, Lilian Andrade Lima, e da minha prima, Thais Alves Ramos Rosa, e sua família, Romário, Maria Eduarda e Cláudio Henrique.

Às minhas amigas e amigos que sempre torceram por mim e, até hoje, me incentivam a continuar tentando. Não consigo citar nome por nome, mas espero que, no dia a dia, eu esteja demonstrando o quanto vocês me ajudam na minha jornada.

Às professoras e professores que atravessaram meu caminho da graduação em Psicologia na Univasf. Um carinho especial à Ivani Brys, Lucivanda Cavalcante Borges e Juliana Maria Ferreira de Lucena, que me guiaram de perto nessa formação.

À professora Luciana Maria Caetano, por ter me acolhido em seu grupo e projetos, trazendo considerações relevantes para minha formação profissional e desenvolvimento deste projeto. Sua expertise e afetividade me tocam profundamente. A todos os membros do Grupo de Pesquisa de Desenvolvimento Moral, pelas contribuições e assertividade em cada etapa nesses últimos dois anos.

Aos doutorandos, Cíntia Paloma Lopes Lima e Paulo Yoo Chul Choi, por todos os momentos de apoio, humor e companheirismo. Nossos encontros semanais se tornaram mais que trabalho para mim.

Às minhas colegas de orientação e irmãs acadêmicas, Letícia Binevicius, Luciene Jacinto de Souza e Fernanda de C. Libanore, pelas trocas de ideias e experiências nos encontros mensais. Especialmente à Sheila de Cássia Ferreira Torres, que foi parceira e colega para além desses encontros.

À Isabele Tenório dos Santos, colega de profissão e amiga para a vida, por desbravar comigo toda a jornada de coleta e análise de dados, desde o piloto dessa pesquisa. Com humor e perspicácia, tornou à experiência menos desafiadora.

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, à Coordenação do meu programa de pós-graduação e seus comitês, pela concessão de bolsa que me permitiu ter dedicação e compromisso com o desenvolvimento da minha pesquisa.

À minha orientadora, Maria Thereza Costa Coelho de Souza, que compartilhou comigo, de forma assertiva e elegante, ensinamentos de pontos-chaves e pormenores para meu crescimento pessoal e profissional. Obrigada pelo acolhimento e atenção contínua em todo o processo, principalmente porque foi de uma maneira que estimulava minha autonomia e autoeficácia sobre minhas expertises.

*“Meu trabalho é de alguma forma fazê-los curiosos o suficiente para que se conscientizem sobre si mesmo e de onde vieram”.*

- Nina Simone



## RESUMO

Rocha, S. O. (2023). Diferenças de gênero nas preferências de brinquedos de crianças de 9 a 32 meses de idade (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Na literatura internacional sobre brincadeiras infantis, reconhece-se que existem diferenças relacionadas ao gênero nas preferências por brinquedos das crianças. No entanto, até o momento, nenhum estudo testou como as diferenças de gênero nas brincadeiras são expressas em bebês brasileiros. Utilizamos um protocolo de pesquisa padronizado (Brincadeira Livre) e uma seleção de brinquedos de gênero para comparar o tempo gasto por meninos e meninas com cada brinquedo. Também avaliamos o efeito da idade e dos julgamentos dos pais sobre a desejabilidade e nível de tipagem de diferentes tipos de brinquedos para seus filhos. Os participantes foram 40 bebês de 9 a 32 meses de idade e seus pais, provenientes principalmente de famílias de classe baixa. A proporção de meninas (15) foi diferente da de meninos (25), porém, nada significativo. A coleta ocorreu em creches de duas cidades da Grande São Paulo. O questionário das mães consistia em três instrumentos que abrangiam os julgamentos relacionados à atribuição de gênero aos brinquedos e informações demográficas. Semelhante a pesquisas anteriores, foram encontradas preferências estereotipadas por brinquedos para meninos e meninas. Os meninos brincaram mais com o caminhão do que as meninas, enquanto as meninas gastaram mais tempo com brinquedos femininos do que masculinos e neutros. Além disso, as meninas mais velhas brincavam mais tempo com brinquedos tipificados pelo seu gênero do que os masculinos e neutros. Também descobrimos que a desejabilidade dos pais por brinquedos neutros intensificou o brincar dos meninos com kit de cozinha. Portanto, este estudo fornece evidências que sugerem que esse comportamento relacionado ao gênero também está presente em crianças brasileiras, no entanto, mais pesquisas são necessárias. Outras implicações das descobertas são discutidas em relação a predisposições biológicas, desenvolvimento cognitivo e influências ambientais nas preferências por brinquedos.

**Palavras-chave:** estereotipo de gênero; infância; brinquedos; desenvolvimento de gênero.

## ABSTRACT

In the international literature on children's play, it is recognized that there are gender-related differences in children's toy preferences. However, to date, no study has tested how gender differences in play are expressed in Brazilian infants. We utilized a standardized research protocol (Free Play) and a selection of gendered toys to compare the time spent by boys and girls with each toy. We also assessed the effect of age and parental judgments on the desirability and level of gender typing of different types of toys for their children. The 40 participants, aged 9 to 32 months, and their parents, primarily from lower-income families. The proportion of girls (15) differed from that of boys (25), but it was not statistically significant. Data collection took place in daycare centers in two cities in the Grande São Paulo area. The mothers' questionnaire consisted of three instruments that covered judgments related to gender assignment to toys and demographic information. Similar to previous research, stereotyped toy preferences for boys and girls were found. Boys played more with trucks than girls, while girls spent more time with feminine toys than masculine and neutral ones. Additionally, older girls played for longer periods with toys typified by their gender compared to toys typed male and neutral. We also discovered that parental desirability for neutral toys intensified boys' play with kitchen sets. Therefore, this study provides evidence suggesting that gender-related behavior is also present in Brazilian children; however, further research is needed. Other implications of the findings are discussed with regard to biological predispositions, cognitive development, and environmental influences on toy preference.

**Keywords:** Gender stereotype; Childhood; Toys; Gender Development.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	18
1.1. O brincar e o papel do brinquedo no desenvolvimento humano.....	19
1.2. Gênero e formação da identidade de gênero.....	21
1.3. A relação entre o brincar e o desenvolvimento de gênero.....	26
1.4. Relevância da pesquisa.....	32
<b>2. DELINEAMENTO DO ESTUDO</b> .....	40
2.1. Objetivo geral.....	40
2.2. Objetivos específicos.....	40
2.3. Hipóteses.....	40
<b>3. MÉTODO</b> .....	42
3.1. Amostra.....	42
3.2. Materiais.....	44
3.3. Procedimento.....	49
3.4. Procedimento de análise de dados.....	51
3.4.1. Codificação dos brinquedos.....	51
3.4.2. Análise Estatística.....	52
<b>4. RESULTADOS</b> .....	57
4.1. As preferências por brinquedos das crianças.....	57
4.2. Julgamento dos pais sobre distribuição de brinquedos conforme o gênero da criança.....	60
4.3. Efeitos dos julgamentos dos pais nas preferências das crianças.....	63
<b>5. DISCUSSÃO</b> .....	66
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	73
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	76

<b>APÊNDICES .....</b>	<b>88</b>
Apêndice A – Ficha de registro para a videogravação do experimento.....	88
<b>ANEXOS .....</b>	<b>90</b>
Anexo A – Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa .....	90
Anexo B - Formulário sobre as características sociodemográficas e valores de gênero parentais aplicados aos pais.....	94

## APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa surgiu a partir de um contato contingente com a literatura psicológica sobre o brincar. Entendendo essa atividade como uma das peças centrais do desenvolvimento, vemos que sua observação é uma oportunidade de compreender como a criança regula elementos biológicos, socioculturais, cognitivos e emocionais para se constituir e se desenvolver. Ao dar oportunidade para a criança brincar, é percebido experimentações ativas voltadas a ela mesma e ao seu redor. Reconhecemos que o brincar representa o modo que uma criança se expressa, interage e aprende, logo, é um laboratório superequipado para compreender os marcos iniciais do desenvolvimento humano.

O brincar pode ocasionar muitos benefícios ao desenvolvimento psicológico e bem-estar da criança. Porém, existem fatores que podem interagir com essa atividade e provocar prejuízos nas habilidades e capacidades dessa criança (Dinella, & Weisgram, 2018; Liben et al., 2018; Leaper, & Bigler, 2018). Isso porque é uma atividade atrelada aos contextos culturais dos indivíduos e estes nem sempre possuem sistemas socioculturais que priorizem o bem-estar coletivo, justiça e equidade entre as pessoas (Cordazzo, & Vieira, 2007; Pachner, 2014; Schultz, & Souza, 1995). Exemplo disso é o sistema de papéis de gênero, que categorizam e normatizam comportamentos como adequados ou inadequados e hierarquizam as pessoas de forma que umas tenham vantagens sobre as outras. Isso inclui as brincadeiras, que são limitadas pelas normas que discriminam o formato das atividades para cada gênero e trazem consequências para o desenvolvimento pleno das crianças (ver Liben et al., 2018, para maior aprofundamento).

Em um aprofundamento dessa literatura, identificamos uma literatura internacional robusta que destrincha o fenômeno da tipificação de brinquedos pelo gênero. Esse fenômeno é um processo pelo qual os brinquedos se associam a um gênero específico dentro de uma cultura. Variadas explicações têm sido apontadas como precursoras desse processo de tipificação. Na literatura, foram encontrados estudos com crianças em idades pré-escolares e escolares que evidenciam explicações biológicas, haja vista o estudo de Lamminmäki et al. (2012), que encontraram, nos meninos, uma correlação moderada entre a preferência de brinquedos tipicamente masculinos e o grau de exposição à testosterona durante o desenvolvimento pré e pós-natal de meninos e meninas. Há também estudos com primatas não humanos, que mostram o interesse desses por brinquedos estereotipados de gênero (Alexander, & Hines, 2002; Hasset, Siebert, & Wallen, 2008). Alguns estudos ainda relatam fatores sociais como estabelecadores dessa preferência, e mostram que familiares, colegas e publicidade interferem nos interesses das crianças por brinquedos estereotípicos de gênero (Bandeira, & Costa, 2019a; Kollmayer, 2018; Weisgram, & Bruun, 2018).

Assim como ocorre nos debates em torno de outras diferenças de gênero presentes em diversas dimensões sociais e culturais da nossa sociedade, também há uma discussão se esses comportamentos perante os brinquedos são inatos ou decorrentes da aprendizagem social. Vários autores questionam se essas distinções são filogenéticas (presentes no nascimento) e se têm um aspecto de evolução de espécie ou surgem com a maturação e interação do sujeito com o ambiente, a socialização e os papéis de gênero (Todd et al., 2017; Menezes et al., 2019).

Há muitas perspectivas teóricas neste campo com lacunas a serem preenchidas. Isso se amplia quando realizamos um recorte do campo brasileiro de pesquisa, que se distancia dos debates internacionais que atualmente ocorrem. Há um consenso na

literatura internacional que estudos com bebês podem elucidar melhor este fenômeno, porém, como será visto de forma mais aprofundada, há poucos estudos no Brasil que buscam investigar este público específico para entender a expressão e características do brincar. Na verdade, a maior parte das pesquisas brasileiras é realizada com pré-escolares, ainda que se tenha evidências robustas que a tipificação de gênero ocorre em crianças com menos de um ano (Campbell et al., 2000; Lutchmaya, & Baron-Cohen, 2002; Jadva, Hines, & Golombok, 2010; Todd et al., 2018; Davis, & Hines, 2020).

Foram nestas contingências que surgiu o interesse pelo tema e, mais tarde, um projeto de pesquisa. Afinal, bebês brasileiros também apresentariam comportamentos tipificados pelo gênero como bebês estadunidenses, britânicos, chineses, israelitas e de outras nacionalidades? A priori, é provável que sim, considerando que ainda há uma divisão bem marcante de publicidade segregando brinquedos femininos e masculinos (ver Bernardes, 2011; Farias, 2017; Godoy, 2019), mesmo com os avanços dos debates feministas no Brasil. Porém, é necessário sistematizar o reconhecimento desse fenômeno. Mais do que isso, é preciso que desenhemos experimentos semelhantes a literatura internacional para fazermos comparações transculturais sobre esse fenômeno.

Em uma metanálise desenvolvida por Davis e Hines (2020), foram apresentados os métodos científicos utilizados para investigar as preferências de brinquedos em crianças de zero a doze anos que são bastantes variados. Foi identificado por eles e em outra revisão realizada (ver Rocha, 2021) que os métodos mais utilizados são os chamados brincadeiras livres. Embora tenham diferentes desenhos experimentais, o mais comumente realizado é o pesquisador selecionar os brinquedos tipificados e registrar as preferências das crianças em uma situação de brincadeira livre. A preferência não é representada apenas pela escolha, mas também pelo tempo que a criança interage com o objeto durante o decorrer do experimento. Em alguns desenhos

experimentais, estes brinquedos são selecionados a partir de pesquisas com adultos da mesma cultura das crianças investigadas, no qual é questionado quais são os brinquedos de meninos e de meninas. Há estudos que até incluem brinquedos neutros para ampliar as possibilidades de escolha.

Todos esses dados foram considerados para delinear o presente estudo e, assim, responder: quais são as diferenças nas preferências por brinquedos de meninos e meninas? Essas preferências estão relacionadas às concepções de gênero socialmente e culturalmente construídas pelos brasileiros? Os julgamentos dos pais sobre a distribuição de brinquedos conforme o gênero e a idade influenciam essas preferências apresentadas por seus filhos?

Realizamos um delineamento de forma que atendessem pressupostos atuais e relevantes para o debate internacional. Isto é, para possibilitar tanto uma análise do pressuposto de que o comportamento tipificado por gênero nas escolhas de brinquedos pode possuir base biológica, que será contemplado ao avaliar bebês com menos de um ano; como também avaliar os possíveis efeitos da socialização, já que também será avaliado o efeito da idade e das crenças familiares. Diante do exposto, o objetivo geral dessa pesquisa é investigar as diferenças de gênero nas preferências por brinquedos que são expressas por bebês brasileiros de 09 a 32 meses de idade.

Com a finalidade de fundamentar as ideias apresentadas, este trabalho está dividido em seis seções, mais referências e anexos. Na introdução, que é a primeira seção, apresentamos o referencial teórico, principais conceitos que orientam a pesquisa, apontamentos da relevância do tema e uma revisão da literatura nacional e internacional da temática. Na segunda seção, é apresentado o delineamento da pesquisa a partir dos objetivos e hipóteses levantadas na elaboração da pesquisa. Na terceira seção, descrevemos os procedimentos metodológicos para seleção da amostra, coleta dos



dados e análises realizadas. Na seção posterior, a quarta, serão apresentados os resultados relevantes para os objetivos propostos. Na quinta seção, são tecidas conclusões sobre os nossos achados a partir de estudos anteriores sobre a temática de gênero e brincadeira. Por fim, na última seção estão apresentadas ponderações acerca das limitações do estudo e são considerados caminhos que possam ser seguidos futuramente.

## 1. INTRODUÇÃO

Embora o gênero e o brincar sejam marcadores centrais deste estudo, devemos considerar que a presente pesquisa se inscreve em um campo mais amplo, a Psicologia do Desenvolvimento. Isso em razão de que as perspectivas teóricas-metodológicas assumidas visam compreender esses fenômenos atrelados ao desenvolvimento do ser humano e a relevância do problema de pesquisa está marcada pelos efeitos e consequências que esses podem provocar.

O desenvolvimento humano pode ser compreendido como as mudanças e constâncias que ocorrem ao longo da vida do indivíduo. Estas mudanças são multifacetadas, progressivas, relativamente duradouras e afetam comportamentos e estruturas físicas e neurológicas do ser humano. Além disso, é visto como um processo no qual fatores biológicos e ambientais (contextos e experiências) interagem para que o indivíduo aumente sua capacidade para adquirir habilidades e atender suas necessidades e as do ambiente. Porém, as formas como são interpretados esses processos são variadas (Dessen, & Guedea, 2005).

Para descrever e avaliar características que estão envolvidas nas etapas do desenvolvimento humano, se faz necessário considerar as diferentes perspectivas teóricas existentes nesse campo de estudos. Principalmente porque essas perspectivas influenciam os problemas de pesquisas, os métodos utilizados e os modos de interpretar os resultados. Além disso, a apresentação de argumentos teóricos e de estudos empíricos disponíveis na literatura possibilitará a compreensão do problema de pesquisa e dos objetivos do presente estudo. Com isso, serão apresentados os aportes teóricos baseados em perspectivas sociocognitivistas que norteiam a pesquisa e os estudos que fundamentam as investigações propostas.

### **1.1. O brincar e o papel do brinquedo no desenvolvimento humano**

Desde o século XX, há um interesse científico no brincar, que tem buscado caracterizar essa atividade e suas peculiaridades. Diversas teorias, desde aquela época, assumem uma perspectiva desenvolvimental no qual o brincar pode ser relacionado às características de maturação e aprendizagem do indivíduo. Além disso, o brincar é considerado uma das atividades principais das crianças, sendo uma das características intrínsecas à infância (Cordazzo, & Vieira, 2007; Pachner, 2014).

O brincar é uma atividade de experimentação ativa, que está atrelada ao contexto cultural dos indivíduos e pode ser assumida tanto como uma forma de crianças se apropriarem de códigos culturais e papéis sociais (Cordazzo, & Vieira, 2007; Pachner, 2014), como também um modo delas se expressarem, interagirem, se relacionarem e aprenderem consigo mesmas e com o mundo (Schultz, & Souza, 1995). Para teóricos como Piaget e Vygotsky, o brincar é uma das peças centrais do desenvolvimento e é uma forma dos pesquisadores compreenderem o desenvolvimento da cognição social (Pachner, 2014).

Considerada como uma atividade repetitiva, que gera movimento e sentimentos de prazer intrínsecos, a brincadeira é vista como espontânea que proporciona, para as crianças, condições saudáveis para seu desenvolvimento. Isso em razão de proporcionar um espaço flexível e não-punitivo para ela testar novas situações e conhecimentos, ampliando seu repertório de aprendizagem e capacidades maturacionais (Pachner, 2014, Cordazzo & Vieira, 2007; Brougère, 2010, Pontes, & Magalhães, 2003, Weisgram, 2018).

Na presente pesquisa, a perspectiva teórica sobre o brincar e o brinquedo está amparada em perspectivas sociocognitivistas, que consideram os componentes socioculturais, históricos e maturacionais envolvidos. Para tanto, serão utilizados neste

trabalho os constructos teóricos fornecidos pelas interfaces entre a Psicologia Histórico-Cultural e Aprendizagem Social, além das contribuições de autores que apresentam a concepção sociocultural em alguns de seus estudos, como Cordazzo e Vieira (2007), Pontes e Magalhães (2003) e Brougère (2010), e evidências empíricas contemporâneas ligadas às neurociências e psicologia do desenvolvimento (e.g. Dinella & Weisgram, 2018; Yogman et al, 2018; Eliot, 2018)

Nestas concepções, o brinquedo pode ser entendido como um objeto cultural que tem significados e representações que variam conforme a cultura, contexto e época em que está inserido (Brougère, 2010; Cordazzo & Vieira, 2007). Basta ver que a boneca Barbie, criada no início dos anos 1960, passou por diversos atravessamentos culturais, históricos e sociais em sua representação enquanto símbolo de brinquedo feminino. Em uma análise realizada por Ruaro (2018), vemos que o surgimento dessa boneca estava vinculado a valores tradicionais sobre o corpo e comportamento da mulher, porém, desde 2015, a marca responsável pela linha aumentou sua diversidade em formato e cores em resposta a uma demanda do mercado. Com isso, entende-se que o brinquedo é um produto de uma sociedade, permeada por valores e representações hegemônicas de uma cultura.

Ademais, além de serem vistos como produtos, os brinquedos também são caracterizados pelas suas funções sociais bem como seu aspecto de serem um transmissor cultural (Pontes, & Magalhães, 2003). Brougère e outros autores apontam que o brinquedo tem como própria função o simbólico, logo, suas funções estão subordinadas aos valores simbólicos cultivados por um grupo e que, de maneira geral, o brinquedo tem como função a brincadeira. É nesta brincadeira que as representações dos brinquedos se tornam mais claras e dinamizam o universo simbólico infantil (Brougère, 2010; Cordazzo, & Vieira, 2007; Grillo et al., 2019).

Além disto, Pontes e Magalhães (2003) apontam que a transmissão cultural embutida nos objetos do brincar permite que uma comunidade perpetue características em diversas gerações por meio de mecanismos de ensino e aprendizagem. Weisgram (2018) indica que, ao mesmo tempo, que a criança usa os brinquedos para representações autorreguladas, ela também é afetada pelas características socioculturais desse objeto que são perpassadas pelo contexto que está inserida. Em consonância, Brougère (2010) indica que a questão material dos brinquedos possui uma relação constante com a função e a representação destes, isto é, a forma, cores e sons dos objetos interferem nos significados do brincar.

Isso foi evidenciado em estudos empíricos recentes da psicologia do desenvolvimento e neurociências que indicam que muitos atributos dos brinquedos imprimem concepções de papéis de gênero tradicionais presentes na sociedade<sup>1</sup>. Portanto, é preciso investigar as especificidades desse fenômeno para compreender como afeta o desenvolvimento infantil.

## **1.2. Gênero e formação da identidade de gênero**

A formação do conceito de gênero envolve processos relacionados à cognição, emoções e relações sociais e surge junto a um conjunto de expectativas e atribuições que refletem o que é denominado como identidade de gênero (Gaino et al., 2020). A identidade de gênero é um processo multifacetado, com estrutura não-fixa e ilimitada, que possui muitos modelos de compreensão. Partindo-se de uma visão que considera a perspectiva biológica, social e individual, se faz necessário apresentar as conceituações de sexo biológico, gênero, papéis de gênero, normas de gênero e identidade de gênero e identidade sexuada para apresentação de referencial teórico.

---

<sup>1</sup> Para revisão, leia Eliot (2018) e Dinella, & Weisgram (2018).

Homens e mulheres possuem composição cromossômica diferenciada, que interfere no desenvolvimento corporal e sexual desde a fecundação, isto é, decorrente de um determinismo biológico. Identificado enquanto sexo biológico, este constructo, ao longo da evolução cultural, foi relacionado às significações e expectativas sociais que determinam estruturas sociais. Com isso, surgiu um conceito mais amplo que abrangesse essas especificidades: o gênero (Meyer, 2013; Sayão, 2002; Torrão Filho, 2005).

O gênero pode ser entendido como um sistema de significados, valores e atributos de uma cultura específica sobre as diferenças em torno do sexo biológico, que são hierarquizadas, não lineares e formatam os papéis de gênero, as normas de gênero, estereótipos de gênero, identidade de gênero e identidade sexuada. O sexo é relevante para a identidade de gênero, principalmente porque interfere na atribuição que a sociedade dará ao indivíduo (Le Maner-Idrissi et al., 2004; Torrão Filho, 2005).

Na maioria das sociedades contemporâneas, existem papéis sociais que são condizentes com as regras e valores cultivados por elas. Os papéis de gênero se referem às expectativas convencionais para os comportamentos e funções de homens e mulheres em um contexto social. Esse sistema de papéis de gênero é dicotômico e expressa o que são considerados comportamentos femininos e masculinos e como eles devem ser tratados. Eles podem ser identificados em interações sociais e são implementados por meio das normas de gênero. Essas normas são o formato que os papéis de gênero são impostos pela sociedade. Podem ser apresentados de forma velada ou deliberada pelo grupo social ao qual pertencem. Elas indicam, em processos de ensino e aprendizagem, os modos de pensar e agir de cada gênero. E, também, formatam os estereótipos de gênero e a identidade de gênero (Meyer, 2013; Sayão, 2002; Torrão Filho, 2005).

Os estereótipos de gênero são uma consequência das normas e tratam das crenças e vieses que um indivíduo ou um grupo tem sobre atributos pessoais para cada gênero. São considerados uma configuração de manutenção do sistema de normas, principalmente porque esses estereótipos afetam fortemente a percepção das pessoas sobre o mundo. Por fim, a identidade de gênero reflete a autopercepção e o sentimento de pertencimento a um gênero específico. É por meio desse constructo que as pessoas adentram em um sistema de significados e símbolos para interpretar o mundo. A construção da identidade de gênero ocorre a partir de interações entre fatores internos (e.g., biológicos) e externos (e.g., percepções sobre as diferenças sexuais; Meyer, 2013; Sayão, 2002; Torrão Filho, 2005).

Além disso, vale ressaltar que, ao contrário dos papéis de gênero que tem prosseguido com sistema dicotômico e binário, as discussões sobre identidade têm buscado ampliar suas categorias considerando as diversidades encontradas no mundo contemporâneo. Teóricos de diversas áreas têm indicado que as concepções de sexo-cruzado e androgínia (Bento, 2006; Jesus, 2012) devem ser ampliadas enquanto sistema de identificação (pertencimento a grupos não abrangidos em masculinidade e feminidade) e também de funcionalidade (isto é, o indivíduo não se identifica com aquele gênero, mas performa nele; Jesus, 2012). Dessa forma, há literaturas que incluem os termos transgêneros e não-binários, por exemplo.

No entanto, como na presente pesquisa o fenômeno estudado focaliza em uma consequência da atribuição de um sistema dicotômico de gênero à criança, não serão consideradas essas outras construções. Para evitar contrapontos, será utilizado a terminologia de identificação sexuada, proposto por Le Maner-Idrissi et al. (2004), no lugar da identidade de gênero, para se remeter ao desenvolvimento das crianças que ainda não se inscrevem em grupos de gênero. Para as autoras, a identificação sexuada

remete ao processo que os adultos fazem de atribuir o gênero a uma criança utilizando o seu sexo como disparador. Essa terminologia ainda se circunscreve nas concepções de gênero e seus sistemas, tendo em vista que é isso que orienta os comportamentos dos adultos. Portanto, se permanecerá com os termos apresentados anteriormente relacionados ao gênero.

Quanto à concepção sobre formação de gênero, serão adotados os construtos propostos pela Teoria Sociocognitiva do Desenvolvimento e Diferenciação de Gênero (TSCG [sigla em inglês], Bussey, & Bandura, 1999; Bussey, & Bandura, 1992) e as contribuições de Le-Maner Idrissi et al. (2004) e Gaino et al. (2020) e outros que convergem.

Como já evidenciado anteriormente, o gênero afeta experiências e oportunidades de meninos e meninas. Sendo assim, ele interfere nos estímulos distribuídos e nas possíveis tarefas ofertadas (Gaino et al., 2020). Para TSCG, a aprendizagem de papéis sexuais de gênero segue os mesmos fundamentos que regem outros, neste sentido, o meio pressiona a criança a adotar comportamentos codificados culturalmente e específicos de um ou outro gênero. Essas pressões se efetuam pela interação com os pais, adultos, familiares, colegas e mídia, isto é, todo um meio cultural que, desde a gestação, estrutura o ambiente para pressionar as crianças a integrarem em papéis de gênero (Le-Maner Idrissi et al., 2004).

No entanto, na TSCG, os indivíduos não são simplesmente resultado de pressões do meio, eles são agentes ativos que autorregulam sua aprendizagem a partir de ações dentro do sistema de influência (Bussey, & Bandura, 1999). No modelo triádico de causalidade recíproca, proposto pelos autores, é indicado que o desenvolvimento sexuado ocorre a partir de interações do ambiente social, das estruturas de conhecimento do indivíduo e capacidade cognitiva e do seu comportamento e, por meio



disso, o indivíduo produz padrões e ações relacionadas a gênero (Bussey, & Bandura, 1999; Bussey, & Bandura, 1992). Além disso, questões como afetividade, processos cognitivos envolvidos em aprendizagem (e.g., atenção voluntária) e outras variáveis internas tornam o processo de desenvolvimento de gênero sutil (Gaino et al., 2020; Le Mander-Idrissi et al., 2004).

Na TSCG, o desenvolvimento sexuado ocorre por meio da observação e de outros três mecanismos subjacentes: modelação, experiências executadas e ensino direto. A influência de cada um desses mecanismos depende dos estágios do desenvolvimento que estão os indivíduos (Gaino et al., 2020). Mesmo que a criança não tenha o conhecimento de gênero (que é expresso consideravelmente aos dois anos), ela ainda é capaz de perceber pistas do ambiente relacionadas ao gênero e aprendem a rotular e categorizar objetos, atividades, comportamentos por si mesmo. Por meio de experiências observacionais e sociais, a criança constrói seu conhecimento ligado ao gênero e, à medida que seus comportamentos e preferências se tipificam, é devido ao aumento desse conhecimento dela (Bussey, & Bandura, 1992).

Além disso, segundo Bussey e Bandura (1992), ao longo do desenvolvimento, a regulação do comportamento muda. À medida que a criança cresce, há uma substituição gradual de recompensas externas mediadas pelo ambiente, por recompensas internas, interposta por mecanismo de motivação e regulação antecipadas. Isto é, quando a criança internaliza um mecanismo autorregulador, ela começa a aplicar as sanções as suas próprias condutas e se abstêm de se comportar de maneira que violem seus padrões.

Essa internalização ocorre por padrões diferenciados de gênero nas atitudes educativas a que as crianças são expostas, além de atributos pessoais, no qual a criança tem crenças que justificam o seguimento e desvios de regras (Bussey, & Bandura, 1992;

Le Maner-Idrissi et al., 2004). Mas, vale ressaltar que isso não é o suficiente para a criança formar uma identidade de gênero, pois, segundo a TSCG, esta identidade exige uma integração de atribuições de gêneros em uma estrutura mais geral que segue o ciclo de vida do sujeito (Gaino et al., 2020).

Neste sentido, considerando todos os aspectos apresentados, adota-se essa perspectiva teórica para análise da formação de gênero na presente pesquisa.

### **1.3. A relação entre o brincar e o desenvolvimento de gênero**

Há uma consistência empírica que aponta diferenças nas preferências de brinquedos de meninos e meninas (para revisão, ver Rocha, 2021; Davis, & Hines, 2020; Todd et al., 2018). Na metanálise de Todd et al. (2018), que analisou 16 estudos observacionais com crianças de um a oito anos, encontrou que meninos e meninas costumam brincar mais tempo com brinquedos atribuídos ao seu gênero do que aqueles pertencentes a outra categorização de gênero. Em consonância, Davis e Hines (2020), que realizou um estudo mais amplo, no qual analisou 113 tamanhos de efeitos de 75 estudos com crianças de três meses a doze anos, apresentou que essas diferenças possuem ampla magnitude estatística. Em suma, a literatura, que é bastante diversificada, enfatiza com clareza que as associações de gênero interferem nas interações que as crianças têm com os brinquedos.

No entanto, permanecem questões sobre porque algumas crianças confiam tanto nessas associações e porque elas influenciam suas interações com brinquedos e atividades. Na seção anterior, foi apresentada a perspectiva teórica que a presente pesquisa assumirá: a da Teoria Sociocognitiva do Desenvolvimento e Diferenciação de Gênero (TSCG [sigla em inglês], Bussey, & Bandura, 1999; Bussey, & Bandura, 1992). Esta disserta sobre a aprendizagem de papéis sexuais que ocorre durante o ciclo da vida

do sujeito. Mas como esta perspectiva se relaciona com o comportamento de brincar de meninos e meninas? As questões que abordamos nesta subseção dizem respeito aos processos cognitivos que motivam o envolvimento das crianças com certos brinquedos e atividades, reduzindo a motivação e o contato com brinquedos ou atividades que acreditam serem para o outro gênero.

Os brinquedos trazem representações e funções consigo (Brougère, 2010) e são vistos como um importante objeto para o desenvolvimento, tendo em vista que estimulam o jogo social, faz de conta e habilidades cognitivas e sociais (Cherney, & Dempsey, 2010). Porém, suas relações com a socialização de gênero podem não ser tão claras. Murnen (2018), ao revisar estudos sobre as características dos brinquedos estereotipados de gênero que podem influenciar o desenvolvimento social das crianças, encontrou inconsistências quanto ao incentivo de papéis de gênero promovidas por brinquedos estereotipados de gênero. Segundo a autora, existem sim evidências que indicam que os brinquedos estereotipados de gênero promovem comportamentos que são consistentes com os papéis de gênero, como, por exemplo, bonecas de modas estarem relacionadas a auto-objetificação de meninas e videogames de guerra estarem associadas a comportamentos agressivos. Porém, estas evidências são vistas como limitadas. Isso em razão de poucos estudos na área e das características metodológicas do campo: não há muitos estudos com crianças que investigam isso de forma direta, além disso, há poucos estudos longitudinais, para avaliar efeitos a longo prazo, e transculturais, para compreender as diferenças ambientais. Este contraponto é relevante tendo em vista que é importante esclarecer que o brinquedo, por si só, não explica comportamentos estereotipados pelo gênero.

Segundo Bussey e Bandura (1999), uma teoria de desenvolvimento de gênero deve levar em conta a motivação para agir de acordo com o conhecimento sobre o que é

considerado aceitável para os dois sexos e não apenas sobre ter esse conhecimento. Na TSCG, para aquisição do conhecimento de gênero é utilizada mecanismos de observação, modelação e experiências executadas, além do ensino direto. Mas, para manter essa conduta de gênero, são necessários mecanismos de autorregulação. Estes mecanismos, como já mencionados anteriormente, são construídos em cima de sanções sociais e recompensas internas ligadas ao gênero e se desenvolvem ao longo do ciclo de vida (Bussey, & Bandura, 1999).

O comportamento de brincar é desenvolvido dentro de uma organização que favorece as diferenças entre os gêneros. As pressões sociais relacionadas ao gênero afetam tanto os estímulos que a criança irá receber desde o início da vida, como também a evolução biológica que a espécie humana passa, isto é, as estruturas corporais envolvidas pela aprendizagem também sofrem influências desse meio estereotipado. Sendo assim, não é de se estranhar que as crianças já apresentam preferências por brincadeiras e brinquedos consistentes com práticas tradicionais de gênero antes mesmo de rotular a si mesmas e os outros pelo gênero. Elas percebem as sanções negativas e positivas do meio e isso promove comportamentos evitativos e aproximações (Bussey, & Bandura, 1999; Martin, & Cook, 2018).

Além dessas sanções percebidas, os mecanismos de autoeficácia percebida, recompensas internas e impedimentos percebidos também interagem para que a criança se envolva com brinquedos estereotipados pelo gênero a qual pertence (Bussey, & Bandura, 1999). Conforme o estudo empírico de Bussey e Bandura (1992) com crianças pré-escolares, os comportamentos estereotipados pelo gênero foram associados com a capacidade de controle autorregulatório das crianças. Isto é, as crianças estavam regulando suas ações com base em autorrecompensa e sua própria eficácia, que foram motivadas pelos papéis sexuais aprendidos, ao se envolverem em brincadeiras

espontâneas com brinquedos estereotipados. Dessa forma, entender as motivações das crianças é imprescindível.

Para TSCG, a motivação para adotar um comportamento de gênero depende de uma combinação de eventos ambientais (e.g., incentivos e sanções) e fatores pessoais, como corresponder a um padrão pessoal, sentir um sentido de competência, interesse intrínseco, por exemplo (Bussey, & Bandura, 1999). Além disso, como os mecanismos de sanções se alteram ao longo do ciclo de vida, podemos considerar que as motivações também sofrem mudanças em cada fase. Ao investigar dados empíricos, encontramos relações entre o comportamento do brincar e variados fatores desenvolvimentais, como hormônios (ver revisão de Hines, & Davis, 2018), temperamento (no sentido de nível de atividade e busca de sensações; ver revisão de Leaper, 2015), interação com pares (Serbin et al., 1979; Fabes et al., 2003; Servin et al., 1999; Martin et al., 2013; Wilansky-Traynor, & Lobel, 2008), incentivos dos pais (ver revisão de Brown, & Stones), consumo de programas infantis (Pine, & Nash, 2003; Robinson et al., 2001; Auster, & Mansbach, 2012), e a idade das crianças, que muitas vezes foi interpretada como tempo de socialização (Servin et al., 1999; Todd et al., 2017; Todd et al., 2018; Zosuls et al., 2009). Só que todos esses fatores não são identificados em apenas uma etapa da infância, e sim em todo seu percurso. Logo, a partir da TSCG e desses dados, contemplamos que ao investigar as motivações dos comportamentos do brincar tipificado pelo gênero, é necessário considerar as características da etapa do desenvolvimento.

Para a faixa etária alvo nesta pesquisa (aproximadamente, crianças até três anos), encontramos uma expressão relevante de brincadeiras tipificadas pelo gênero, medidas por diferentes recursos metodológicos, que começam antes mesmo do primeiro ano de idade. Basta ver que Connellan et al. (2000) avaliou a preferência visual de 102

bebês recém-nascidos (idade média foi de 36,7 horas), no qual foi identificado que os meninos preferem olhar por mais tempo para um móbile (brinquedo físico-mecânico) do que para um rosto de uma mulher (real, não imagem), enquanto as meninas preferem mais o rosto. Estudos posteriores de preferência visual com bebês mais velhos (e.g., Alexander et al., 2009; Campbell et al., 2000; Lutchmaya, & Baron-Cohen, 2002; Jadva et al., 2010) tiveram resultados semelhantes, indicando que, aos doze meses, já é constante a preferência masculina por objetos físicos-mecânicos, como carrinhos e móveis, enquanto a preferência de meninas é voltada para o rosto humano (inclusive, quando o estímulo é apresentado em fotos ou vídeos). Essas medidas de preferência se tornam mais robustas quando os bebês podem interagir com os brinquedos. Muitos estudos mostram que eles escolhem com mais frequência os brinquedos tipificados e, também, passam mais tempo com eles (Alexander, & Saenz, 2012; Lamminmäki et al., 2012; O'Brien et al., 1983; Servin et al., 1999; Todd et al., 2016; Van De Beek et al., 2009).

A presença tão prematura deste comportamento indica que embora as pressões ambientais estereotipadas de gênero sejam forças presentes desde a gestação, também temos que considerar mecanismos biológicos evolutivos ao avaliar as motivações dos bebês para o envolvimento com os objetos estereotipados. Partindo do modelo triádico de causalidade recíproca, temos que entender os mecanismos que sustentam esse comportamento. Porém, existe um longo caminho a percorrer. Apesar de estarem avançadas as discussões no campo de pesquisa internacional, com produções científicas da China, Estados Unidos, Israel e Reino Unido, há uma escassez de dados sobre esses comportamentos em bebês e crianças brasileiras. Este aspecto será desenvolvido na próxima seção, mas, de forma resumida, foram identificados poucos estudos que se detiveram em entender a tipificação de gênero no comportamento do brincar.

Dois estudos que se destacam na literatura brasileira são os de Pascoto (2006) e Paduleto (2010). Pascoto (2006), analisou as escolhas e o tempo de manipulação de brinquedos em vinte bebês brasileiros entre dezesseis e dezoito meses. O procedimento realizado foi a distribuição de brinquedos (selecionados anteriormente por levantamento de opinião sobre quais eram os brinquedos adequados para cada gênero) em semicírculo próximo a criança. Foram avaliados os brinquedos escolhidos e o tempo de manipulação desses brinquedos. Encontrou-se que, a partir dos dezesseis meses, os bebês masculinos e femininos gastaram tempos significativos com os brinquedos inclusos em sua categoria de gênero. Paduleto (2010), que avaliou doze bebês com idade entre vinte e um e trinta meses também encontrou resultados semelhantes, além de evidenciar que, em díades, o sexo da outra criança influencia a escolha e tempo de manipulação dos brinquedos.

Na literatura internacional, há um estudo com método semelhante ao de Pascoto (2006). O estudo realizado por Todd et al. (2017), com bebês britânicos de nove meses a trinta e dois meses, buscou avaliar se já havia expressão dessa tipificação a partir dessa idade, e também se a idade é uma variável que influencia a escolha e tempo de manipulação do brinquedo. Para isso, foram distribuídos brinquedos em semicírculo e a análise foi feita por amostragem de tempo. Observou-se que tanto os bebês do sexo masculino como os do sexo feminino escolhiam os brinquedos socialmente atribuídos ao seu gênero por iniciativas próprias, sem a presença dos pais e outras crianças, e essa expressão já ocorria aos nove meses. Também foi constatado que a idade influenciou o tempo gasto com os brinquedos por meninos e meninas em algumas faixas etárias.

O estudo de Todd et al. (2017) recebe destaque por possibilitar tanto uma análise do pressuposto de que o comportamento tipificado por gênero nas escolhas de brinquedos pode possuir base biológica, como também avaliar os possíveis efeitos da

socialização (por se ter comparação de grupos por faixa etária). Partindo dessa compreensão, a presente pesquisa baseou seu método no estudo de Todd et al. (2017) para compreender quais são as diferenças de gênero nas escolhas de brinquedos por crianças brasileiras em idade pré-escolar, avaliando se os mesmos resultados encontrados em diversos estudos internacionais (Davis, Hines, 2020; Todd et al., 2018) podem ser observados em contexto brasileiro.

Neste sentido, é necessário entender como ocorre e o porquê desses comportamentos de escolhas de brinquedos estereotipados pelo gênero. Para isso, essa pesquisa adota as seguintes questões norteadoras: quais são as diferenças nas preferências por brinquedos de meninos e meninas? Essas preferências estão relacionadas às concepções de gênero socialmente e culturalmente construídas pelos brasileiros? Os julgamentos dos pais sobre a distribuição de brinquedos conforme o gênero e a idade influenciam essas preferências apresentadas por seus filhos?

Acredita-se que o delineamento de pesquisa do presente estudo possa gerar resultados que ampliem a compreensão sobre esse fenômeno e promovam recomendações para pesquisas e intervenções futuras que possam contribuir para a diminuição das desigualdades de gênero.

#### **1.4. Relevância da pesquisa**

O atual estudo é relevante devido ao acúmulo de evidências (Heckman, 2006; Maia, & Williams, 2005) que indicam que experimentações ocorridas na infância têm repercussões na vida adulta, bem como aquelas (Dinella, & Weisgram, 2018) que apontam que os estereótipos de gênero tendem a restringir as experimentações na infância. Essas evidências apontam para uma necessidade de compreender as causas e consequências da segregação de atividades infantis para a vida adulta.



No atual contexto sociohistórico de vários países, o brinquedo assume um papel importante na infância, sendo associado positivamente a várias dimensões dos processos de desenvolvimento e socialização (Pachner, 2014). Embora não esteja claro de forma empírica sobre as habilidades específicas que o brinquedo estimula, Liben et al. (2018) revisaram vários estudos que relacionam as atividades tipificadas por gênero no brincar infantil com as diferenças nas habilidades cognitivas, educacionais e interesses de ocupação profissional de meninos e meninas, mostrando associações e correlações que apontam a primordialidade de compreender mais este fenômeno com o intuito de garantir um desenvolvimento infantil pleno e também uma diminuição da desigualdades de gêneros que existem em vários países, incluindo o Brasil.

Ademais, apesar da grande variedade na ciência internacional de estudos sobre as diferenças de gênero nas preferências por brinquedos (Davis, & Hines, 2020), a literatura nacional sobre essa tipificação na infância ainda é escassa. Em uma revisão realizada nas bases de dados de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) em dezembro de 2021, foram identificadas 1433 teses e dissertações utilizando os termos de busca considerando a população-alvo (crianças), fenômeno estudado (brinquedos) e comparador (gênero).

Destes, foram selecionados 21 estudos utilizando os seguintes critérios de elegibilidade: os estudos tinham que ser empíricos com crianças brasileiras de até seis anos; terem realizado avaliação sobre escolhas/preferências de brinquedos obtidos diretamente com as crianças; tinham que ter o gênero/sexo como uma variável explicativa de análise; fornecerem dados das escolhas de brinquedos separados de outras mensurações; e estarem disponíveis na íntegra. A partir disso, foi possível

caracterizar o campo de pesquisa brasileiro e fazer comparações com estudos internacionais.

A Tabela 1 demonstra que, entre os estudos brasileiros elegíveis, a idade média das crianças variou de 18 meses a 72 meses (esta última foi devido ao recorte estabelecido no estudo). Além disso, a idade mais avaliada foi 48 meses, em 14 estudos, e somente dois deles avaliaram crianças com menos de 24 meses. Isso está parcialmente em consonância com as revisões de estudos internacionais (Rocha, 2021; Davis, & Hines, 2020), visto que as crianças de 48 meses também são mais avaliadas, porém, a avaliação das escolhas das crianças começa desde os três meses de idade, tendo inclusive relatos de expressão de tipificação de gênero nas escolhas de brinquedos.

**Tabela 1.**

Quadro de caracterização dos estudos selecionados na revisão

<b>Autor do estudo</b>	<b>Nível de educação</b>	<b>Área de Concentração</b>	<b>Idade da amostra</b>	<b>Objetivo e método do estudo</b>
Almeida (2015)	Doutorado	Educação	42 meses a 67 meses	Buscou investigar as concepções das crianças e das professoras sobre o brincar por meio de entrevistas, produção de desenho e observações e registros das atividades do brincar na rotina escolar.
Azevedo (2003)	Doutorado	Educação	45 a 58 meses	Investigou as representações sociais que as crianças e as professoras de uma escola de educação infantil tinham sobre gênero. Estas representações foram elencadas a partir de observações e registros de brinquedos e brincadeiras ocorridas entre pares e com as professoras da escola.
Bezerra (2006)	Mestrado	Ciências sociais	30 meses a 36 meses; 66 meses a 72 meses; 96 meses	Analisou como o gênero surge enquanto aspecto de formação das crianças em contexto escolar a partir de observações diretas da rotina de duas turmas de educação infantil.

Castro (2006)	Mestrado	Serviço social	48 meses a 72 meses	Foi investigado a constituição de identidades de gênero por meio de observações sistemáticas do jogo simbólico desenvolvido pelas crianças em contexto de laboratório, no qual foram analisados brinquedos utilizados pelas crianças e os papéis e modelos de família representados.
Cunha (2008)	Mestrado	Educação	58 meses a 71 meses	Foi analisada a expressão de identidade de gênero de crianças a partir de uma situação de brincadeira planejada, no qual as crianças, em trios, podiam manipular objetos estereotipados pelo gênero. As suas escolhas preferenciais e tempo de manipulação com cada brinquedo foram as medidas dessa expressão.
Domingues (2018)	Mestrado	Educação	48 meses a 60 meses	Investigou as representações culturais que as crianças tinham sobre o brinquedo a partir de observações e registros de situações de brincadeira em sala de aula e de uma oficina de construção de brinquedos. Além disso, foi realizada uma análise na relação do brinquedo com o currículo escolar da educação infantil.
Duarte (2015)	Mestrado	Educação	60 meses a 72 meses	Foi descrito e analisado como as relações da criança com seus pares e com a professora podem contribuir para a formação de identidade e autonomia dessas crianças. Para isso, foi observado e registrado as brincadeiras desenvolvidas por uma turma de educação infantil em contexto escolar.

Frois (2018)	Doutorado	Psicologia	48 a 68 meses	Investigou as construções de identidades de gênero a partir das práticas discursivas verbais e não-verbais de crianças em contexto escolar. Para isso, foram realizadas rodas de conversas com as crianças de diferentes turmas e entrevistas com as educadoras responsáveis pelas crianças, além da coordenadora e diretora da escola.
Garcia (2013)	Mestrado	Educação	48 meses	Foi investigado como emergem e se caracterizam as questões relacionadas ao gênero nas interações das em sala de aula a partir de observações e registros de atividades livres propostas pela professora da turma.
Godoy (2017)	Mestrado	Educação Física	36 a 48 meses	Com o objetivo de analisar as construções de identidade de gênero de crianças, foram analisadas as interações das crianças com seus pares, com as educadoras e com brinquedos a partir de observações participantes em contextos de brincadeiras em uma creche pública.
Guerra (2005)	Mestrado	Educação	48 a 60 meses	Por meio de observações e registros da rotina escolar e de situações de brincadeiras e brinquedos, foi investigado as características das expressões realizadas pelas crianças e que foram relacionadas às questões de sexualidade e de identidade de gênero.
Konrath (2018)	Doutorado	Sociais e Humanidades	48 a 60 meses	Investigou as brincadeiras e as interações das crianças e professores de uma escola de educação infantil durante situações ocorridas no Dia do Brinquedo de casa por meio de um estudo etnográfico, com observações e registros das crianças e entrevistas com a equipe escolar.

Oliveira (2019)	Mestrado	Ensino de ciências e matemática	60 a 72 meses	Por meio de uma etnografia e observação participante, foi investigado os mecanismos envolvidos na constituição de gênero de crianças que frequentam a educação infantil, buscando entender a compreensão delas sobre experiências relacionadas ao gênero.
Paduleto (2010)	Mestrado	Educação	21 a 30 meses	Buscou investigar as manifestações de identidade de gênero na presença de outra criança do mesmo sexo e de sexo diferente durante sessões de brincadeiras, no qual uma diáde de crianças brincou com brinquedos que estavam classificados como estereotipados como masculino e feminino. As suas escolhas preferenciais e tempo de manipulação com cada brinquedo foram as medidas dessas manifestações e as crianças passaram pelas duas situações: com criança do mesmo sexo e do outro sexo.
Pascoto (2006)	Mestrado	Educação	16 a 18 meses	Foram investigadas as manifestações precoces de identidade de gênero em situações de brincadeira, no qual a criança podia manipular brinquedos classificados como apropriados para o sexo masculino e sexo feminino. As suas escolhas preferenciais e tempo de manipulação com cada brinquedo foram as medidas dessas manifestações.
Pereira (2014)	Mestrado	Educação	48 a 72 meses	Foi analisado o discurso sobre o brincar e brinquedos e as relações de gênero que estes têm nas perspectivas de crianças da educação infantil e de sites de brinquedos. Os discursos foram elencados em entrevistas com as crianças e em buscas por propagandas em sites de brinquedos na internet.

Puerari (2019)	Mestrado	Educação	60 a 72 meses	Com o objetivo de analisar a brincadeira e as contribuições desta para o reconhecimento da diversidade, foram realizadas observações participantes com crianças da educação infantil, quando estavam em situação de brincadeira, e entrevistas com a equipe escolar.
Ritta (2019)	Mestrado	Administração	24 a 60 meses	O objetivo foi analisar as influências da mídia digital sobre o consumo de brinquedos pelas crianças. Para isso, foram feitas entrevistas com mães e professoras, além de entrevista com as crianças e observação da rotina destas em suas residências e escola.
Santos (2018)	Mestrado	Educação	60 a 72 meses	Foi investigado como as relações de gênero se manifestam no dia dos brinquedos em uma escola de educação infantil. Essas relações foram analisadas com base na observação e registros sobre os tipos de brinquedos que as crianças têm levado para a escola, suas escolhas, trocas e negociações, e como elas manifestam significados de gênero em suas brincadeiras.
Silva (2013)	Mestrado	Educação	48 meses	Investigou os significados sobre gênero produzidos pelas crianças e professoras em situações de brincadeira, por meio de análises microgênicas das interações, além disso, foi realizado entrevistas com as professoras para compreender a visão e atuação destas sobre esses significados.
Sousa (2020)	Mestrado	Interdisciplinar	48 a 60 meses	Foi analisada as relações de gênero que as crianças estabelecem durante a infância por meio de observações participante e registros da rotina escolar, rodas de conversas e oficinas de desenhos e pinturas feitas com as crianças, além de entrevistas com a professora da turma e com cinco mães.

Também pode se notar que a maioria dos estudos objetivou investigar as relações de gênero durante as interações entre as crianças ou/e crianças e educadores, focando em diversos fatores, como brinquedos com que as crianças interagem ou sentenças expressadas por estas, geralmente em momentos de brincadeira livre. Em nossa análise, apesar de não constar no quadro, também foi verificado que a maior parte dos estudos utilizam abordagem exploratória e qualitativa, empregando principalmente a etnografia e a observação naturalística como métodos de avaliação.

Foram encontrados poucos estudos (Pascoto, 2006; Bezerra, 2016) que buscam investigar a constituição da expressão tipificada em crianças brasileiras na primeira infância. Dessa forma, é possível notar que o objetivo da presente pesquisa pode permitir tanto um maior entendimento das relações desenvolvimentais entre gênero e brincadeira, como também possibilitar uma maior aproximação com os debates a níveis internacionais, que tem evidências robustas sobre a tipificação de brinquedos pelo gênero em crianças com menos de 24 meses.

## **2. DELINEAMENTO DO ESTUDO**

### **2.1. Objetivo geral**

O objetivo geral deste estudo é investigar as diferenças de gênero nas preferências por brinquedos que são expressas por crianças brasileiras de 09 a 32 meses de idade.

### **2.2. Objetivos específicos**

Como objetivos específicos, propõem-se:

- Verificar se meninos e meninas preferem brinquedos socialmente tipificados como pertencentes do seu gênero;
- Estimar se a idade das crianças interfere na preferência por brinquedos durante a brincadeira;
- Avaliar se as diferenças de gênero nas preferências de brinquedos estão relacionadas ao julgamento das mães sobre os papéis sociais de gênero.

### **2.3. Hipóteses**

A partir de revisões da literatura e delineamento planejado, foram levantadas as seguintes hipóteses:

H<sub>1</sub> – Meninos e meninas têm diferenças significativas no tempo dispendido com os brinquedos e seus agrupamentos.

H<sub>2</sub> – Meninas vão brincar por mais tempo com brinquedos tipificados pelo seu gênero do que brinquedos considerados masculinos ou neutros. Meninos vão brincar por mais tempo com brinquedos tipificados pelo seu gênero do que os brinquedos femininos ou neutros.



H<sub>3</sub> – Quanto mais velha a criança, maior será o tempo com brinquedos tipificados pelo seu gênero.

H<sub>4</sub> – Quanto maior a Desejabilidade do tipo de brinquedo conforme o sexo da criança e maiores Níveis de Tipificação de brinquedos pelo gênero dos pais, maior o tempo que as crianças dispõem com brinquedos tipificados.

### 3. MÉTODO

#### 3.1. Amostra

Este estudo foi realizado com 45 bebês de 9 meses a 32 meses de idade que frequentavam duas creches públicas localizadas em São Paulo e Santo André, cidades do estado de São Paulo, e seus responsáveis. O cálculo amostral *a priori* foi calculado utilizando o *G\*Power versão 3.1.9.7*. Os parâmetros utilizados foram os indicados na literatura ( $\alpha=0,05$  e  $\beta=0,20$ ) e os obtidos no estudo piloto realizado pela pesquisadora (foi calculado a média dos tamanhos de efeitos, utilizando-se  $f$  de Cohen= 0,51) e também pela metanálise de Todd et al. (2018;  $f=0,51$  e  $f=-0,45$ ), que indicaram um tamanho amostral mínimo de 33 participantes.

Porém, quatro crianças foram excluídas porque não quiseram participar do experimento (choro persistente e/ou não tocou nos brinquedos) e uma porque estava ausente nos dias de coleta. Assim, a amostra foi de 40 bebês, que atendia ainda os parâmetros. A distribuição foi 25 meninos (M idade= 22,12 meses, desvio padrão (DP) = 5,24 meses) e 15 meninas (M idade= 20,60 meses, DP = 8,67 meses) participaram do estudo. As diferenças de idades de meninos e meninas não foram significativas ( $p>0,05$ ). Destaca-se que o delineamento inicial previa a separação em grupos faixa-etários, conforme Todd et al. (2016), porém devido as contingências da coleta, não foi possível a execução.

Entre as crianças inclusas, 21 os pais declararam como brancas, 11 como pardas, uma como preta e uma como indígena. Quatro crianças não tiveram sua cor declarada pelos pais. Todos os participantes não tinham diagnóstico de distúrbio do desenvolvimento e foram capazes de rastrear brinquedos e engatinharem ou andarem de forma independente.

Além disso, 11 pais foram excluídos por não responderem o questionário. Assim, a pesquisa incluiu 34 pais que tinham idades entre 21 e 43 anos (Média= 30,68; DP=6,62). Destaca-se que não houve a inclusão de irmãos na amostra. As famílias eram, principalmente, de status socioeconômico baixo e a maioria com nível de escolaridade médio completo (veja Tabela 2).

**Tabela 2.**

Características sociodemográficas e econômicas das díades (cuidador-criança) do estudo

<b>Variáveis demográficas e socioeconômicas</b>	<b>Participantes n=34 (%)</b>
<b>Sexo do cuidador respondente</b>	
Homem cisgênero	5
Mulher cisgênero	29
<b>Estado Civil</b>	
Solteiras (os)	12
Casadas (os)	14
União Estável (os)	7
Separada (o)	1
<b>Escolaridade</b>	
Ensino Fundamental completo	1
Ensino Médio incompleto	4
Ensino Médio completo	17
Ensino Superior incompleto	3
Ensino Superior completo	9
<b>Raça/Etnia do cuidador</b>	
Branca	19
Parda	11
Indígena	1

---

Preta		3
<b>Renda familiar*</b>		
<b><i>Classificação</i></b>	<b><i>Média de salário</i></b>	
A	21.826,74	4
B1	10.361,48	9
B2	5.755,23	8
C	3.276,76	10
C2	1.965,87	3

---

*\*Nota: A renda familiar foi estabelecida com base no score da Classificação Econômica da ABEP, que classifica os respondentes em grupos e estima a média salarial.*

A pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Anexo A - CAAE 64481722.9.0000.5561; Parecer nº 5.767.817), conforme exigência da Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016. Também foi obtida anuência das escolas e o consentimento livre e esclarecido dos responsáveis.

### **3.2. Materiais**

A seleção de brinquedos ocorreu por meio de um *survey* online anterior à escrita do projeto e da realização da pesquisa, realizado pela autora, no qual 91 mulheres e 43 homens brasileiros, entre 18 e 64 anos, responderam um questionário no qual identificaram brinquedos como socialmente pertencentes a cada gênero. Este possuía seis perguntas, sendo quatro de dados sociodemográficos (idade, sexo, escolaridade e localidade) e duas para eles selecionarem os brinquedos para cada gênero, e estava disponível na Plataforma de Formulários do Google. Entre as opções de brinquedos estavam os seguintes brinquedos: boneca, kit de chá/cozinha, kit de cabeleireiro, ursinho

de pelúcia, boneco, bola, carrinho, caminhão, escavadeiras e animais de brinquedo. Esses materiais foram escolhidos devido a possibilidade que eles oferecem de avaliar se as crianças estão escolhendo os brinquedos que são esperados socialmente que elas brinquem, tendo em vista que esses brinquedos foram categorizados enquanto pertencentes ao gênero feminino ou ao masculino (Todd et al, 2017; Pascoto, 2006; Blakemore; Centers, 2005).

Após a análise do teste de qui-quadrado de Pearson utilizando as frequências, os brinquedos utilizados na presente pesquisa estão apresentados na Figura 1. Também foi realizada a tentativa de identificar os brinquedos considerados neutros para o gênero, porém, nenhuma associação significativa foi encontrada. Assim, foram consultadas pesquisas nacionais anteriores (Pascoto, 2006; Cunha, 2008; Paduleto, 2010), que também fizeram um *survey* anterior, para o estabelecimento dos brinquedos desta categoria.

### Figura 1.

Brinquedos utilizados no estudo



Já os pais, tiveram que responder um formulário no Google Forms para caracterização socioeconômica familiar e dos julgamentos sobre brinquedos e gêneros, que foi composto por três instrumentos (Anexo B):

**1) Questionário de Classificação Econômica – Brasil:** Este questionário foi elaborado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2021) e ele classifica os sujeitos em classes econômicas a partir da avaliação do poder de compra de grupos de indivíduos com características parecidas. Este instrumento leva em conta aspectos como estrutura física da residência, bens de consumo e escolaridade do chefe da família. Ele foi selecionado por conta que sua estrutura remete a padrões internacionais de medição econômica, o que permite comparações com critérios padronizados. Além disso, estudos brasileiros têm indicado precisão em aferir o perfil socioeconômico familiar, algo que se relaciona profundamente com a pesquisa que estuda preferências e opiniões de cuidadores sobre bens de consumo infantil (Villena, 2011).

**2) Desejabilidade dos brinquedos:** Elaborado por Kollmayer et al (2018), esse questionário tem o objetivo avaliar a desejabilidade dos pais sobre os brinquedos considerados tipicamente masculinos, femininos e neutros. No estudo de Kollmayer, a partir do enunciado (O quão desejável é cada um desses brinquedos para seu filho/filha?), os respondentes classificam 15 brinquedos em uma escala tipo Likert de 7 pontos, sendo 1 nada desejável e 7 muito desejável.

Na presente pesquisa, o questionário precisou ser adaptado considerando o contexto. Foram realizadas duas alterações: os brinquedos utilizados nos itens de avaliação foram aqueles que foram classificados no levantamento de seleção de

brinquedos, já citado, e em estudos da literatura nacional (Pascoto, 2006; Cunha, 2008; Paduleto, 2010). Foram eles: boneca, boneco, bola, caminhão, carrinho, conjunto de cozinha, conjunto de cabeleireiro, ursinho de pelúcia, quebra-cabeça, brinquedos de Lego, blocos de montar coloridos, telefone de brinquedo e casa de boneca. Além disso, a escala *likert* foi de 1 a 5, tendo em vista que, no contexto estudado, há uma familiaridade associativa com o sistema educacional brasileiro que atribui notas com este intervalo. O 1 representa nada desejável e o 5 muito desejável.

Para codificação dos escores, calculou-se a somatória das classificações para os cinco brinquedos de cada agrupamento (femininos masculinos e neutros). Em seguida, foi verificada a consistência interna desses agrupamentos, que apresentaram consistência quase perfeita ( $\alpha_{\text{feminino}} = 0,84$ ;  $\alpha_{\text{masculino}} = 0,88$ ,  $\alpha_{\text{neutros}} = 0,87$ ), segundo a classificação de Landis et al. (1977). A partir disso, as somatórias dos agrupamentos femininos, masculinos e neutros foram separadas conforme o sexo da criança para constituir três dimensões: *Desejabilidade do tipo de brinquedo conforme o sexo da criança*, que dimensiona a desejabilidade dos pais pelos brinquedos tipificados pelo sexo do seu filho (i.e., as somatórias dos brinquedos tipificados femininos para meninas e brinquedos tipificados masculinos para meninos); *Desejabilidade do outro tipo de brinquedo para a criança*, que dimensiona a desejabilidade dos pais para os brinquedos que não pertencem a categoria de gênero do seu filho (e.g., para pais de meninas, este fator é brinquedos tipificados masculinos); *Desejabilidade para brinquedos neutros*, que dimensiona a desejabilidade dos pais para brinquedos neutros (usando-se a somatória dos brinquedos neutros). Estas três dimensões serão utilizadas para fazer as análises.

**3) Classificação da tipagem de gênero dos brinquedos:** Este questionário também foi elaborado por Kollmayer et al (2018) e consiste em os respondentes classificarem 15 brinquedos como de meninos, de meninas ou de ambos, com o objetivo de avaliar a tendência que os pais tipificam os brinquedos pelo gênero. O enunciado da questão solicita que os respondentes indiquem o grupo para o qual ele acredita que o brinquedo é mais adequado. Os brinquedos (disponibilizados em itens) são os mesmos do questionário anterior.

Para codificação, foram adotados os seguintes valores: 0 = brinquedo tipicamente feminino, 50 = brinquedo neutro e 100 = brinquedo tipicamente masculino. Para verificar a consistência interna, se fez o cálculo do Alfa de Cronbach, que mostraram consistência quase perfeita para tipagem de brinquedos femininos e neutros ( $\alpha_{\text{feminino}} = 0,81$ ;  $\alpha_{\text{neutros}} = 0,92$ ) e substancial para os masculinos ( $\alpha = 0,78$ ). A consistência dos três agrupamentos conforme os rótulos masculinos, femininos e neutros foram verificadas pela realização de três testes *t* de uma amostra com bootstrap (reamostragem= 2000; 95% IC BCa) contra média de 50 (média comparativa que representa marco central), que revelaram que as avaliações médias dos brinquedos estereotipicamente femininos ( $M = 38,52$ ;  $DP^2 = 23,72$ ),  $t(34) = -11,47$ ,  $p = 0,00$ ,  $d = -2,78$ , e dos brinquedos estereotipadamente masculinos ( $M = 63,23$ ;  $DP = 24,65$ ),  $t(34) = 13,23$ ,  $p = 0,00$ ,  $d = 3,21$ , foram ambos significativamente diferentes de 50. Os brinquedos neutros não apresentaram diferença significativa ( $M = 52,94$ ;  $DP = 11,79$ ),  $t(34) = 2,94$ ,  $p > 0,05$ ,  $d = -0,23$ , como esperando. Para transformação, os valores para brinquedos estereotipados femininos foram subtraídos de 100 para converter em valores mais altos. A partir disso, se utilizado o valor dos agrupamentos de brinquedos masculinos e femininos (usando as médias dos cinco brinquedos) para formatar as três

---

<sup>2</sup> DP é a sigla utilizada para Desvio-Padrão.



dimensões: *Nível de tipificação para brinquedos femininos*, que apresenta a medida em que os pais tipificam os brinquedos femininos; *Nível de tipificação para brinquedos masculinos*, que refere-se aos brinquedos masculinos; e, por fim, *Nível de tipificação para brinquedos*, que é a medida relacionada a tendência geral dos pais em verem brinquedos femininos como apropriados para meninas e brinquedos masculinos como apropriados para meninos, constituída dos itens sobre brinquedos masculinos e femininos, tal como o estudo de Kollmayer et al. (2018).

A utilização desses dois instrumentos de Kollmayer (2018) é fundamentada na perspectiva deste ser o único instrumento, encontrado até o momento, que investiga a relação entre gênero e brinquedo e oferece medidas quantitativas de aferição, o que possibilitaria uma análise comparativa para atingir os objetivos da pesquisa. Além disso, em conjunto, são um instrumento que apresenta duas vias importantes para a investigação das atitudes dos pais: o julgamento dele em relação à conveniência para o grupo e para seu filho. Essas duas vias relacionadas ao gênero se intercambiam nos principais modos de influência na socialização de gênero das crianças propostos pela teoria sociocognitiva.

### **3.3. Procedimento**

Para recrutamentos dos bebês e seus pais, foram contactadas escolas e creches públicas e privadas via telefone e email, apresentando a proposta de pesquisa. Duas creches foram selecionadas com base na: a) disponibilidade da equipe escolar para colaborar com a pesquisa; b) presença de turmas que incluíam as faixas-etárias abarcadas; c) estrutura física adequada para realização dos procedimentos; e d) acessibilidade da pesquisadora ao local. Estas deram anuência para usar as dependências e os recursos da instituição para recrutamento dos pais e coleta com os bebês.

O recrutamento dos pais se iniciou em maio de 2023, durante os horários de entrada na escola, nos quais foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram abordados somente os pais de crianças que frequentavam as turmas do berçário e maternal das instituições. Na creche de Santo André – SP, foi possível, após o consentimento dos pais, obter as datas de nascimento e as respectivas turmas com a escola e também foi utilizado os meios de comunicação da escola para envio dos formulários para os pais via aplicativo Whatsapp. Já a creche de São Paulo – SP, estes dados foram fornecidos diretamente pelos pais.

Depois de checagem para verificar quais crianças seriam incluídas considerando a faixa-etária alvo, foi realizada convivência por duas semanas, nas quais a pesquisadora participou da rotina das seis turmas por, pelo menos, quatro horas cada uma (divididas em dois turnos diferentes), com o intuito de habituar as crianças a sua presença. Nestes momentos, além de frequentar as atividades pedagógicas e de rotina (alimentação e higienização), a pesquisadora também participou das brincadeiras propostas pelos alunos com os brinquedos que pertenciam a creche, sendo cautelosa em deixar que as crianças conduzissem a escolha dos brinquedos e a forma de manejo.

O procedimento para verificar a preferência de brinquedos das crianças foi aplicado em espaços de socialização já conhecidos pelos bebês (principalmente, no pátio escolar e, poucas vezes, em sala de aula). Os participantes foram testados individualmente, com a presença apenas da pesquisadora. Somente sete crianças também tiveram a presença das professoras por terem apresentado choro e irritabilidade em realizar o procedimento. As professoras não interagiram com os brinquedos nem as brincadeiras, somente incentivaram que eles brincassem com os brinquedos que eles tivessem preferência. Os participantes não foram contidos se saíssem da área de teste imediata.

As crianças foram colocadas a um metro dos brinquedos, que foram distribuídos a sua frente de forma aleatória e em cima de um tatame de EVA. Neste momento, não houve nenhuma interação por parte da pesquisadora com estes participantes observados, nem com os brinquedos que dispostos, somente tendo a instrução de brincar com os brinquedos favoritos. Este momento teve duração de cinco minutos e seu registro foi por videogravação, que se iniciava assim que a criança era colocada em sua posição. Após transcorridos estes minutos, a pesquisadora encerrou a gravação e iniciou uma sessão de brincadeiras com os brinquedos disponibilizados. Os registros foram armazenados em uma pasta online a que somente duas avaliadoras tinham acesso.

### **3.4. Procedimento de análise de dados**

Para atingir os objetivos da presente pesquisa, os dados foram tabulados e organizados conforme as etapas descritas nas subseções seguintes.

#### **3.4.1. Codificação dos brinquedos**

Usando uma técnica de amostragem de tempo (Bentzen, 2012), foi feito um registro de qual brinquedo estava sendo tocado a cada intervalo de 5 segundos em um total de 3 minutos de observação (variando de 0 a 36 intervalos). Este tempo foi contabilizado quando a criança tocava o primeiro brinquedo, de uma forma que foi definida como contato intencional, ou seja, segurar, tocar ou mover o brinquedo com as mãos ou dedos, em vez de acidental com mãos ou pés. Assim, o comportamento lúdico das crianças foi contabilizado em intervalos de tempo com cada brinquedo. Este tempo de intervalo (5s) foi definido por Todd et al. (2016) como forma apropriada para capturar as variações nas escolhas dos brinquedos ao longo de 3 minutos e para

maximizar a precisão da gravação, a qual foi verificada como adequada no piloto da presente pesquisa.

Consideramos comportamento lúdico como ações que incluem tocar, apontar e mover um objeto de forma intencional que caracteriza atividade de brincar, tal como Van De Beck et al. (2009). Para controle, foi estabelecida uma hierarquia de comportamentos, no qual o *tocar* tinha prioridade sobre o *movimentar-se em direção ao brinquedo* e *apontar para o brinquedo* nos marcos onde esses comportamentos estavam ocorrendo concomitante. Quando a criança passava três intervalos sem registro ou inativa, o registro era parado e iniciado somente quando ela tocava outro brinquedo. Em casos que a criança tivesse envolvida com mais de um brinquedo, todos foram contabilizados (por isso que a amplitude de alguns brinquedos pode não ser 36).

Para verificar a confiabilidade do registro, foi realizado o cálculo do Kappa de Cohen a partir do registro de uma segunda avaliadora. Essa segunda avaliadora tem formação em Psicologia e passou por um treinamento a partir dos registros do estudo piloto. Ambas utilizaram uma ficha padronizada (Apêndice A) para codificação. Vinte por cento das gravações da presente coleta foram codificadas; a comparação das avaliações mostrou confiabilidade substancial entre avaliadores ( $k=0,75$ ).

#### 3.4.2. Análise Estatística

Os resultados obtidos pela codificação dos brinquedos e dos julgamentos dos pais sobre distribuição de brinquedos pelo gênero foram analisados utilizando o *IBM SPSS Statistics versão 25*. A Figura 2 indica as análises realizadas neste estudo considerando os objetivos propostos. Nas análises de Modelo Linear Geral (MLG) que usa estatística F, foi utilizado o plugin *Essentials for R for Statistics* da IBM, que integra

o SPSS ao programa R (Versão 3.2) e permite que os parâmetros desses modelos sejam calculados usando *bootstrapping* e tenham erros-padrões mais robustos.

**Figura 2.**

Quadro de correspondências entre objetivos, hipóteses e testes estáticos realizados

<b>Objetivo</b>	<b>Hipóteses</b>	<b>Teste estatístico realizado</b>
Investigar as diferenças de gênero nas preferências por brinquedos que são expressas por crianças brasileiras de 09 a 32 meses de idade.	<p>H<sub>1</sub> – Meninos e meninas apresentam diferenças significativas nas médias de tempo despendido com os brinquedos e com o agrupamento de brinquedos.</p> <p>H<sub>0</sub> – Não apresentam diferenças nas médias.</p>	<p>✓ Análise descritiva (Média, Desvio-Padrão e Intervalo de Confiança). Cálculos realizados com abordagem bootstrapping.</p> <p>✓ Foi utilizado um teste t bootstrap independente para avaliar as diferenças entre os grupos (meninos e meninas) considerando cada brinquedos e Tipo de Brinquedo (Feminino, Masculino e Neutro).</p>
Verificar se meninos e meninas preferem brinquedos socialmente tipificados como pertencentes do seu gênero	<p>H<sub>1</sub> – As crianças apresentam, de forma significativa, maiores médias de tempo despendido com o agrupamento de brinquedos pertencentes do seu gênero do que aqueles do outro gênero ou do gênero neutro.</p> <p>H<sub>0</sub> – Não apresentam diferenças nas médias.</p>	<p>✓ Análise de Variância (ANOVA) de medidas repetidas de um fator com bootstrap para comparar as médias de tempo com cada Tipo de Brinquedo dentro dos grupos. Os testes <i>post hoc</i> foram calculados com a correção de Bonferroni.</p>

<p>Estimar se a idade das crianças interfere na preferência por brinquedos durante a brincadeira;</p>	<p><math>H_1</math> – Quanto mais velha as crianças, maiores serão as diferenças das médias de tempo de meninos e meninas; e maiores serão as médias de tempo com o Tipo de brinquedo tipificados pelo gênero.</p> <p>Quanto mais velhas as crianças, maiores serão as diferenças das médias de tempo considerando os agrupamentos de brinquedos.</p> <p><math>H_0</math> – Não apresentam diferenças nas médias ajustadas pela idade.</p>	<p>✓ Foi realizada Análise de Covariância (ANCOVA) robusta de medidas repetidas para ajustar as médias pela idade da criança com cada brinquedo e verificar se tinha efeito. Os testes <i>post hoc</i> foram calculados com a correção de Bonferroni.</p> <p>✓ Foi realizada ANCOVA robusta de medidas repetidas para ajustar as médias pela idade da criança com cada Tipo de Brinquedo dentro dos grupos e verificar se tinha efeito. Os testes <i>post hoc</i> foram calculados com a correção de Bonferroni.</p>
	<p><math>H_1</math> – Quanto mais velhas as crianças, maiores serão o tempo despendido com brinquedos pertencentes ao sexo (correlação positiva).</p> <p><math>H_0</math> – Não apresentam correlações significativas.</p>	<p>✓ Foi realizado um teste de correlação de Pearson com bootstrap entre a idade e o tempo gasto com cada Tipo de Brinquedo. Primeiro, foi realizado com todas as crianças juntas; depois separada pelo sexo.</p>
<p>Avaliar se as diferenças de gênero nas preferências de brinquedos estão relacionadas aos julgamentos dos pais sobre distribuição de brinquedos pelo gênero</p>	<p><math>H_1</math> – Quanto maior a Desejabilidade do tipo de brinquedo conforme o sexo da criança e maiores níveis de tipificação de brinquedos pelo gênero, maior o tempo que as crianças dispendem com brinquedos tipificados.</p>	<p>➤ Foi realizado um teste de correlação de Pearson com <i>bootstrap</i> entre as dimensões de julgamentos dos pais e tempo de brincadeira (com os brinquedos e com cada agrupamento). Também</p>

	H <sub>0</sub> – Não apresentam correlações significativas.	foi realizado uma ANCOVA de medidas repetidas robustas com os resultados que obtiveram significância no teste de Pearson. Post hoc foi com a correção de Bonferroni.
--	---	--

Antes de realizar os testes apresentados, foram realizados procedimentos para averiguar se a amostra atendia os pressupostos do MLG a base dos modelos estatísticos utilizados). Além disso, também foram realizados testes para caracterização dos julgamentos dos pais, conforme a Figura 3.

### Figura 3.

Quadro de testes estatísticos utilizados para caracterização dos instrumentos usados para avaliação dos julgamentos dos pais sobre a distribuição de brinquedos conforme o gênero

Objetivo	Teste estatístico realizado
Avaliar as diferenças dos julgamentos dos pais de meninos e de meninas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Análise descritiva (Média, Desvio-Padrão e Intervalo de Confiança) dos escores obtidos pelas escalas (dados codificados, como apresentado na seção 4.4.3). Cálculos realizados com abordagem <i>bootstrapping</i>.</li> <li>✓ Foi utilizado um teste t bootstrap independente para avaliar as diferenças entre os grupos.</li> <li>✓ Foi realizado uma ANOVA de medidas repetidas com <i>bootstrap</i> para comparar as médias dos pais de Desejabilidade dos brinquedos entre si (três níveis: <i>Desejabilidade do tipo de brinquedo conforme o sexo, Desejabilidade para o outro tipo de brinquedo, Desejabilidade para brinquedos neutros</i>) e dos Níveis de tipificação de brinquedos pelo gênero (três níveis: <i>Nível de tipificação para brinquedos femininos, Nível</i></li> </ul>

	<p><i>de tipificação para brinquedos masculinos, Nível de tipificação para brinquedos</i>). Os testes <i>post hoc</i> foram calculados com a correção de Bonferroni.</p> <ul style="list-style-type: none"><li>✓ Foi realizado uma ANCOVA para comparar os efeitos das covariáveis Idade do Filho e Sexo do Filho nas médias dos pais. Os testes <i>post hoc</i> foram calculados com a correção de Bonferroni.</li> <li>✓ Foi realizado uma ANOVA de medidas repetidas com <i>bootstrap</i> para comparar as médias dos três níveis de Desejabilidade dos brinquedos e três níveis de Tipificação dos brinquedos pelo gênero de cada agrupamento de pais (pais de meninos e pais de meninas). Os testes <i>post hoc</i> foram calculados com a correção de Bonferroni.</li></ul>
--	---



## 4. RESULTADOS

Nesta seção, serão apresentados os resultados obtidos nas análises realizadas. Porém, as discussões desses resultados só serão apresentadas na seção seguinte.

A amostra de crianças selecionadas não apresentou uma distribuição paramétrica em alguns níveis de análise, evidenciado pelo teste de Kolmogorov-Smirnov e com os escores  $z$  das Curtoses e Assimetrias. Destaca-se que a normalidade foi verificada por grupo de cada sexo. O teste de Levene indicou que as variâncias de alguns níveis de análise de meninos e meninas foram significativamente diferentes.

Para correção dos desvios de normalidade da distribuição da amostra e diferenças entre os tamanhos dos grupos, foram realizados procedimentos de *bootstrapping* (2000 reamostragens; 95% IC BCa) para se obter uma maior confiabilidade dos resultados, para corrigir desvios de normalidade (Field, 2020).

### 4.1. As preferências por brinquedos das crianças

Foram encontradas diferenças no tempo gasto por meninas e meninos com cada brinquedo quando comparadas as médias e amplitude (Tabela 3). No entanto, ao realizar o teste  $t$  *bootstrap* independente, foi encontrado que essa diferença só é significativa em relação a quantidade de intervalos de tempo gasto com caminhões ( $Y_t = 7,02$ , IC BCa de 95% [1,83, 12,38],  $p = 0,36$ ), que representou um efeito médio ( $d=0,77$ ). Isto é, meninos brincaram, de forma significativa, por mais tempo com o caminhão do que as meninas. Para compreender o efeito da idade no tempo com cada brinquedo, foram realizados uma correlação de Pearson *bootstrap* (separada por sexo) e ANCOVA robusta de uma via com contraste planejado e a idade como covariável. Porém, nenhuma interação foi identificada.

**Tabela 3.**

Médias, amplitudes e tamanhos de efeito do tempo gasto (em intervalos) por meninos e meninas com cada brinquedo do estudo

Brinquedos	Meninas (n=15)		Meninos (n=25)		<i>d de Cohen</i>
	Média (Min-Máx)	DP	Média (Min-Máx)	DP	
Quebra-cabeça	4,66 (0-19)	6,76	3,76 (0-25)	6,73	- 0,13
Bola	4,20 (0-27)	7,03	3,52 (0-29)	6,58	- 0,10
Caminhão	1,93 (0-13)	3,45	8,96 (0-36)	12,52	0,77
Animais de brinquedo	6,66 (0-32)	8,73	4,80 (0-25)	6,56	- 0,24
Boneca	3,93 (0-36)	9,26	2,04 (0-36)	7,26	- 0,23
Kit de cozinha	16,20 (0-36)	11,77	15,28 (0-36)	13,47	-0,07

*Nota: as medidas descritivas são baseadas em dados corrigidos por bootstrap (reamostragem: 2000, 95% IC BCa). Já os parâmetros do d de Cohen são Pequeno ( $d = 0.2 - 0.3$ ), Médio ( $d = 0.5 - 0.8$ ) e Grande ( $d = maior que 0.8$ ). O sinal só indica a direção do efeito.*

Quando agrupados os brinquedos considerando a tipificação de gênero considerada na pesquisa, foi identificado que meninos, em média, brincam por mais tempo que as meninas com os brinquedos considerados masculinos e neutros (Tabela 4). Porém, essas diferenças não foram significativas e tamanhos de efeitos foram pequenos.

**Tabela 4.**

Médias, amplitudes e tamanhos de efeito do tempo gasto (em intervalos) por meninos e meninas com os brinquedos agrupados pela tipagem de gênero.

Tipagem de gênero dos brinquedos	Meninas (n=15)		Meninos (n=25)		<i>d de Cohen</i>
	Média (Min-Máx)	DP	Média (Min-Máx)	DP	
Brinquedos considerados femininos	20,13 (0-36)	10,34	17,32 (0-36)	13,44	-0,23
Brinquedos considerados neutros	8,86 (0-28)	8,72	7,28 (0-35)	9,68	-0,17
Brinquedos considerados masculinos	8,60 (0-32)	8,20	13,76 (0-46)	13,91	0,45

*Nota: as medidas descritivas são baseadas em dados corrigidos por bootstrap (reamostragem: 2000, 95% IC BCa).*

Em média, as meninas gastaram mais tempo com brinquedos considerados femininos do que os considerados masculinos e neutros (que possuem valores semelhantes). Já os meninos gastaram mais tempo com os femininos e menos tempo com os neutros. Ao ser realizado ANOVA de medidas repetidas de uma via, a estimativa de Greenhouse-Geisser para os grupos de meninos e meninas, o teste indicou não ter desvio de esfericidade ( $\epsilon = 0,84$  e  $\epsilon = 0,92$ , respectivamente). O teste revelou um efeito do Tipo de Brinquedo para o grupo das meninas,  $F(1,84, 25,86) = 5,42$ ,  $p = 0,12$ , e seus tamanho de efeitos foram  $\eta^2 = 0,37$ . A análise univariada (*post hoc*), usando a correção de Bonferroni, indicou que as meninas gastaram mais tempo com brinquedos femininos do que os neutros ( $p = 0,44$ ), com um tamanho de efeito muito grande ( $\Delta$  de Glass = -5,08, IC 95% -6,55, -3,27).

Para verificar o efeito da idade nesta diferença, foi realizado a correlação de Pearson bootstrap e ANCOVA de medidas repetidas. Foi encontrada uma relação

positiva entre a idade das meninas e o tempo gasto com brinquedos femininos ( $r= 0,59$ ,  $p=0,01$ ) e uma relação negativa entre a idade delas com o tempo com brinquedos masculinos ( $r= -0,58$ ,  $p=0,02$ ). Uma ANCOVA robusta de medidas repetidas mostrou que um efeito significativo da Idade,  $F(840,09, 2515,77) = 4,34$ ,  $p=0,02$ ,  $\eta^2_{parcial}=0,25$ . A análise *post hoc* Bonferroni mostrou que sob controle da Idade (20,60), as meninas brincaram significativamente mais com brinquedos femininos ( $M=20,13$ ,  $DP=2,22$ ) do que masculinos,  $t(15)=11,53$ ,  $p=0,01$ , e neutros  $t(15)=11,26$ ,  $p=0,04$ ,  $\Delta$  de Glass=  $-9,07$ .

#### **4.2. Julgamento dos pais sobre distribuição de brinquedos conforme o gênero da criança**

A amostra de pais não apresentou uma distribuição paramétrica em alguns níveis de análise, evidenciado pelo teste de Kolmogorov-Smirnov e com os escores  $z$  das Curtoses e Assimetrias. Destaca-se que a normalidade foi verificada por grupo (pais de meninos e pais de meninas). O teste de Levene indicou heterogeneidade na variância em alguns níveis. Para correção, foram realizados procedimentos de *bootstrapping* (2000 reamostragens; 95% IC BCa).

Após transformação dos escores (descrito na seção 3.4.1), foram obtidas seis dimensões dos julgamentos dos pais sobre distribuição de brinquedos conforme o gênero, cujo dados descritivos foram apresentados na Tabela 5. Foram realizados testes  $t$  e modelos de GLM para comparar as médias.

**Tabela 5.**

Médias e desvios-padrões das seis dimensões de julgamento dos pais sobre distribuição de brinquedos conforme o gênero

Dimensões dos julgamentos dos pais	Pais (n=34)		Pais de meninos (n=21)		Pais de meninas (n=13)	
	M	DP	M	DP	M	DP
Desejabilidade do tipo de brinquedo conforme o sexo da criança	18,50	5,50	19,47	5,65	16,92	5,07
Desejabilidade do outro tipo de brinquedo para a criança	13,94	6,05	12,38	5,92	16,46	5,59
Desejabilidade para brinquedos neutros	18,38	6,04	17,76	6,89	19,38	4,40
Nível de tipificação para brinquedos femininos	61,47	16,35	63,33	14,25	58,46	19,51
Nível de tipificação para brinquedos masculinos	63,23	17,87	61,42	17,11	66,15	19,38
Nível de tipificação para brinquedos	62,35	14,10	62,38	14,37	62,30	14,23

*Nota: as medidas descritivas são baseadas em dados corrigidos por bootstrap (reamostragem: 2000, 95% IC BCa).*

Em média, foi observado que os pais de meninos tiveram maior Desejabilidade do tipo de brinquedos conforme o sexo do que os pais de meninas. Já os pais de meninas tiveram maiores escores nas medidas que indicavam desejabilidade para brinquedos neutros e outro tipo de brinquedos (i.e., brinquedos masculinos) quando comparado aos pais de meninas. Porém, um teste *t bootstrap* mostrou que não foram diferenças significativas ( $p > 0,05$ ).

Só que, ao realizar uma ANOVA de medidas repetidas, foram encontradas diferenças significativas nos julgamentos dos pais sobre a desejabilidade dos diferentes

tipos de brinquedos,  $F(1,52, 50,41) = 15,71$ ,  $p < 0,001$ ,  $\eta^2$  parcial = 0,32. As análises *post hoc* com correção Bonferroni indicaram que os pais classificaram brinquedos socialmente pertencentes ao gênero do seu filho como mais desejáveis do que os brinquedos pertencentes ao outro gênero ( $p < 0,001$ ). Ao ajustar as médias com o Sexo do Filho (ANCOVA), as diferenças foram maiores,  $F(1,45, 46,68) = 23,51$ ,  $p < 0,001$ ,  $\eta^2$  parcial = 0,42. No entanto, ao separar os agrupamentos dos pais, foi percebido que este efeito só permanece no grupo de pais de meninos,  $F(1,38, 27,66) = 20,89$ ,  $p < 0,001$ ,  $\eta^2$  parcial = 0,51. Isto é, os pais das meninas não apresentaram diferenças significativa na desejabilidade de diferentes tipos de brinquedos.

Para avaliar o efeito da idade do filho, primeiro foi realizado o teste correlação de Pearson bootstrap (os IC *bootstrap* de 95% BCa estão relatadas em colchetes), que apontaram para uma relação positiva entre Idade do Filho e Desejabilidade do tipo de brinquedos conforme o sexo ( $r = 0,42$ ,  $p = 0,01$  [0,11, 0,67]). Ao buscar os efeitos separados pelos grupos, foi encontrado que a idade das filhas está relacionada positivamente com a Desejabilidade para brinquedos neutros ( $r = 0,60$ ,  $p = 0,02$  [0,07, 0,89]) e com a Desejabilidade do tipo de brinquedos conforme o sexo ( $r = 0,83$ ,  $p = 0,00$  [0,58, 0,96]) de seus pais. Em seguida, foram realizados testes de ANCOVA de medidas repetidas para verificar o efeito da idade nas médias dos três níveis de Desejabilidade, que indicou um efeito isolado da idade das crianças  $F(1,56, 50,07) = 4,59$ ,  $p < 0,02$ ,  $\eta^2$  parcial = 0,12, quando o sexo do filho não era considerado. O *post hoc* (Bonferroni) indicou que a Desejabilidade dos outros tipos de brinquedos era significativamente menor que a Desejabilidade do tipo de brinquedos conforme o sexo e Desejabilidade por brinquedos neutros (todos  $ps < 0,05$ ).

Em relação aos níveis de tipificação de brinquedos, é possível notar, em conjunto, que os pais apresentaram médias semelhantes de tendência para tipificar

brinquedos femininos e masculinos (ver Tabela 5). Ademais, eles tiveram maior tendência em tipificar os brinquedos relacionados ao outro sexo (i.e., os pais de meninas têm maior tendência em tipificar os brinquedos masculinos, enquanto os de meninos tipificam mais os femininos) quando comparados àqueles relacionados ao sexo do seu filho. Porém, nenhuma dessas diferenças foram significativas. Também não foram identificadas diferenças quando ajustado as médias pela Idade e Sexo do Filho (covariáveis). Nem ao separar os agrupamentos de pais.

### 4.3. Efeitos dos julgamentos dos pais nas preferências das crianças

Para compreender se os julgamentos dos pais sobre distribuição de brinquedos conforme o gênero é uma variável relevante, foi realizado primeiro um teste de correlação de Pearson com *bootstrapp* para entender a covariância entre as medidas de tempo dispendido com os brinquedos e as dimensões desses julgamentos. Destaca-se que a tendenciosidade corrigida e IC *bootstrap* de 95% BCa estão relatadas em colchetes.

Ao considerar a amostra total, sem divisão de agrupamentos pelo sexo da criança, foi encontrado que a Desejabilidade por brinquedos neutros dos pais está negativamente relacionada ao tempo dispendido com brinquedos considerados masculinos,  $r = -0,35 [-0,64, 0,02]$  e ao tempo com o caminhão,  $r = -0,40 [-0,68, -0,04]$  e positivamente relacionada ao tempo com o kit de cozinha,  $r = 0,43 [-0,00, 0,82]$  (todos  $ps < 0,05$ ). Para compreender melhor o que isso representa considerando o sexo dos filhos, foram realizadas análises separadas por agrupamento. Nestas, foram encontrados que essas correlações só permanecem se o filho for menino. Isto é, o nível de Desejabilidade por brinquedos neutros dos pais de meninos estava positivamente relacionado ao tempo dos meninos com o kit de cozinha,  $r = 0,43 [-0,00, -0,076]$ , e

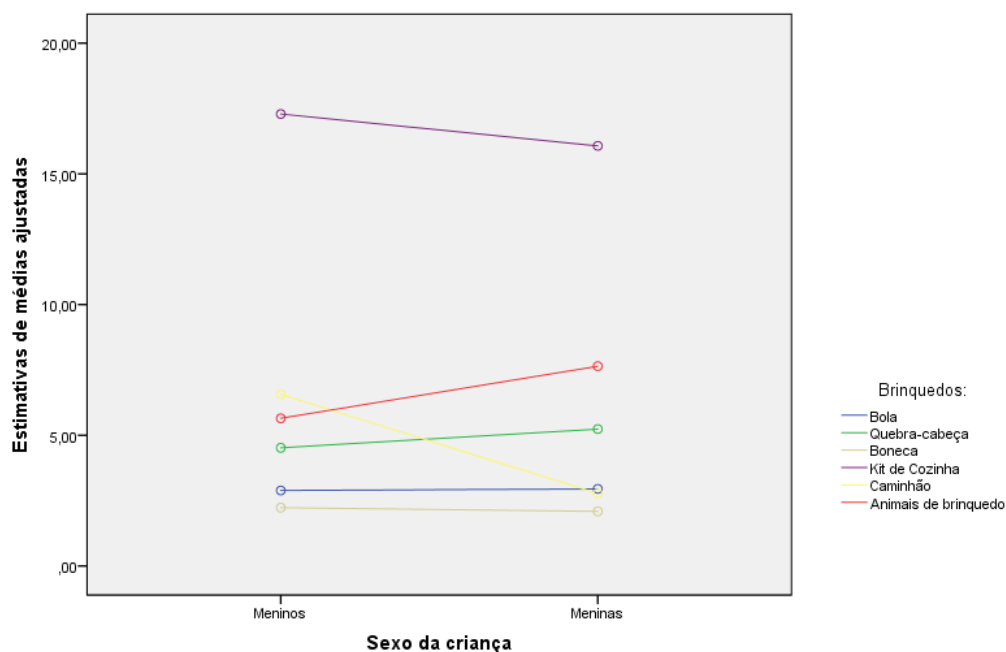
negativamente relacionado ao tempo com o caminhão,  $r = -0,44$   $[-0,76, -0,05]$  (todos  $ps < 0,05$ ). Ainda sobre essas análises pelo sexo, foi verificada uma correlação negativa entre a Desejabilidade por brinquedos neutros dos pais de meninas e o tempo que estas despediam com a boneca,  $r = -0,64$ ,  $[-0,94, 0,01]$ ,  $p = 0,01$ . Também foi encontrada uma relação negativa entre a Desejabilidade dos pais de meninas para o outro tipo de brinquedo e o tempo despendido pelas crianças com o caminhão,  $r = 0,37$   $[-0,53, -0,23]$ ,  $p = 0,02$ . Porém, ao agrupar pelo sexo, esta relação não era mais significativa ( $p > 0,05$ ).

Considerando estas relações identificadas, foram realizados três testes de ANCOVA de medidas repetidas para comparar as médias dos tempos despendidos com os brinquedos corrigido pelas covariáveis desejabilidade dos pais (três níveis). A única que apresentou efeito de controle foi a covariável Desejabilidade para brinquedos neutros, que está significativamente relacionada ao tempo despendido com diferentes brinquedos,  $F(3,61, 112,0) = 4,15$ ,  $p < 0,00$ ,  $\eta^2$  parcial = 0,11. O *post hoc* com correção de Bonferroni indicou que essas diferenças significativas são entre o tempo das crianças com o kit de cozinha e todos os outros brinquedos (ver Figura 4).



**Figura 4.**

Médias de tempo com os brinquedos ajustadas pela Desejabilidades de brinquedos neutros dos pais



*Nota: As médias que aparecem no modelo são avaliadas pela Desejabilidade por brinquedos neutros.*

Na Figura 4, é possível observar que a média ajustada do tempo de meninos e meninas com o kit de cozinha ( $M=16,68$ ,  $DP=2,00$ ;  $M_{MENINOS}= 17,29$ ;  $M_{MENINAS}=16,07$ ) foi significativamente superior ao tempo com a bola ( $t(34)=13,76$ ,  $p=0,00$ ), quebra-cabeça ( $t(34)=11,80$ ,  $p=0,00$ ), Boneca ( $t(34)=14,52$ ,  $p=0,00$ ), caminhão ( $t(34)=12,00$ ,  $p=0,00$ ) e animais de brinquedo ( $t(34)=10,03$ ,  $p=0,00$ ). Todos  $\Delta$  de Glass  $> 8$ .

## 5. DISCUSSÃO

O objetivo da presente pesquisa foi avaliar as diferenças de gênero nas preferências de brinquedos de bebês brasileiros de 9 a 32 meses de idade e se essas diferenças estariam relacionadas a tipificação pelo gênero dos brinquedos, a idade das crianças e aos julgamentos dos pais sobre distribuição de brinquedos pelo gênero. A partir disso, levantamos quatro hipóteses para serem avaliadas a partir de um delineamento metodológico semelhante a outros estudos relevantes da área (ver Davis, & Hines, 2020; Todd et al., 2018), mas que não tinham sido realizados com crianças brasileiras nas idades abrangidas.

Nossa primeira hipótese foi que meninos e meninas teriam diferenças significativas no tempo dispendido com os brinquedos e seus agrupamentos (brinquedos considerados femininos, masculinos e neutros dentro da cultura da criança). Porém, este desfecho foi parcialmente alcançado. Quando comparadas as médias de tempo de cada sexo, o único resultado significativo foi que meninos brincavam mais com caminhão de brinquedo do que as meninas. Isso porque o tempo com os outros brinquedos foram bastantes semelhantes.

Na literatura sobre tipificação de brinquedos, é encontrado que os estudos usam diferentes brinquedos para avaliar este fenômeno (Davis, & Hines, 2020). Embora se tenha inconsistências metodológicas sobre a seleção e categorização da tipagem de gênero desses brinquedos (Rocha, 2021), vemos que as bonecas e os veículos recebem destaque entre os brinquedos tipificados. A razão disso é tanto sua presença recorrente em estudos de diferentes culturas, como também as grandes magnitudes nas medidas de preferência de meninos e meninas (Davis, & Hines, 2020). A partir da perspectiva da Teoria Sociocognitiva do Desenvolvimento e Diferenciação de Gênero (TSCG [sigla em inglês], Bussey, & Bandura, 1999; Bussey, & Bandura, 1992), interpretamos que esses

dados indicam que existem pressões do meio que demarcam esses objetos como fortemente pertencentes a determinada categoria de gênero, assim, podemos pensar que deve haver um conjunto de comportamentos evitativos e apelativos associados.

Do ponto de vista dos meninos, vemos que o caminhão pode ser apelativo por diferentes pontos. Primeiro, podemos considerar as características do próprio objeto. Alguns estudos (Benenson et al., 2011; Benenson et al., 1997) evidenciam uma tendência dos meninos a imitação de movimentos propulsivos e até por atividades que envolvem essa movimentação. A preferência dos meninos por objetos físicos-mecânicos também se apresenta em idades prematuras (Alexander et al., 2009; Campbell et al., 2000; Connellan et al., 2000; Lutchmaya, & Baron-Cohen, 2002; Jadvá, Hines, & Golombok, 2010), o que poderia indicar uma preferência relacionada à uma necessidade sensório-motora.

Um segundo ponto relevante é que, na literatura, os meninos apresentam mais comportamentos de brincar tipificados (Davis, & Hines, 2020), incluindo em suas preferências, o que poderia nos levar a considerar um atendimento às normas de gênero. Porém, além de não terem encontrados outros resultados que apoiassem essa consistência no presente estudo, também foi observado que esse grupo brincou mais com kit de cozinha, ainda que não de forma significativa quando comparada aos outros brinquedos (resultado sem o controle de desejabilidade dos pais). É por isso que consideramos que, embora estes aspectos relativos aos meninos sejam relevantes e podem sim ter sua contribuição, as meninas podem ser as que fundamentam essa distinção estatística, devido a identificação de um comportamento de brincar tipificado pelo gênero delas. Os outros achados do nosso estudo nos levam a acreditar que o caminhão estimulou comportamentos evitativos nas meninas devido ao nível de tipificação desse brinquedo como masculino e a consistência dela, nesse estudo, em

seguir normas de gênero relacionadas ao brincar, tal como os estudos de Dinella et al. (2017) e Todd et al. (2017).

Esperávamos também que as crianças tivessem preferência por brinquedos tipificados conforme seu gênero em relação àqueles considerados de outro gênero ou, até mesmo, neutro (Hipótese 2). Porém, essa preferência só foi evidenciada no grupo de meninas. Encontramos que as meninas gastam mais tempo com brinquedos femininos do que os masculinos e neutros ( $\Delta = -5,08$ ). Inclusive, quando controlado pela idade, essa diferença é maior ( $\Delta = -9,07$ ). Algo que também prevemos, visto que nossa terceira hipótese era de que as crianças mais velhas teriam uma maior preferência por brinquedos tipificados pelo seu gênero. Neste sentido, este estudo evidenciou que meninas brasileiras, desde os nove meses, já apresentam uma maior preferência por brinquedos estereotipados pelo seu gênero e que essa preferência se intensifica com a idade.

É interessante demarcar que os brinquedos utilizados para representar os brinquedos femininos foram kit de cozinha e boneca, que são brinquedos que possuem representações relevantes. Temos que considerar que, embora as meninas estivessem em uma brincadeira isolada, os brinquedos se relacionam com brincadeiras sociais, de representação voltadas a interações, por isso, muitos autores (Dinella, & Weisgram, 2018; Murnen, 2018) os consideram estímulos sociais, para os quais as meninas apresentam, desde novas, uma maior preferência quando comparadas a outros estímulos (Campbell et al., 2000; Connellan et al., 2000; Lutchmaya, & Baron-Cohen, 2002; Jadva et al., 2010). Ademais, são brinquedos marcados por representações dos papéis estereotipados dados às mulheres e que, por vez, podem representar atividades cotidianas que elas veem suas mães, irmãs e mulheres de famílias executarem e que elas podem querer imitar (Pascoto, 2006; Paduleto, 2010). No entanto, isso é inconsistente

se considerarmos que a expressão de identidade de gênero se apresenta pouco substancial antes dos dezoito meses de idade. De qualquer forma, não foram investigados fatores mediadores na presente pesquisa, devido ao foco em avaliar a expressão em crianças brasileiras.

Nossos achados também sugerem que as preferências de brinquedos das meninas podem intensificar sua relação com o gênero conforme a idade. Para a TSCG, embora não seja o suficiente para explicar a motivação das crianças para se envolver com estes brinquedos, vemos que, ao longo da vida, a criança é incentivada, por meio de modelagem e reforço, a se engajarem nestas brincadeiras e a idade poderia indicar um acúmulo de efeitos da socialização. Ademais, os interesses iniciais das crianças podem aproximar ela de novos grupos sociais que aprimorem suas preferências iniciais (Liben, & Bigler, 2002; Martin et al., 2013). Também devemos considerar que fatores biológicos (como níveis hormonais) também podem interagir com ambientes sociais e processos cognitivos de forma que aumente as preferências relacionadas ao gênero das crianças ao longo do tempo (Hines, 2010). Em geral, vemos que os ambientes das crianças ainda impulsionam essa tipificação de gênero. Este ponto, inclusive, é ressaltado pelo nosso achado de que os pais têm uma maior desejabilidade por brinquedos tipificados pelo gênero do seu filho, o que indicaria uma exposição, ainda que não tenhamos encontrado uma relação robusta entre variáveis.

A idade é uma variável bastante investigada para entender efeitos da socialização e/ou características dos estágios do desenvolvimento cognitivo e de gênero. Porém, há inconsistências que precisam ser mais exploradas, uma vez que as metanálises de Todd et al. (2018) e Davis e Hines (2020) mostram uma clara relação linear entre a idade e a preferência tipificada pelos brinquedos, mas, quando analisados pelos sexos, essa relação só é evidenciada nos meninos. Aparentemente, as meninas não aumentam seu

tempo com brinquedos tipificados à medida que crescem e, na verdade, tendem a ampliar sua preferência por brinquedos neutros. Só que, como identificado por Davis e Hines (2020), esses desfechos podem ser por incongruências metodológicas quanto a categorização das tipagens dos brinquedos, já que diferentes estudos podem considerar os mesmos brinquedos como feminino ou neutros (e.g., ursinho de pelúcia). Por isso, estudos longitudinais são necessários, tendo em vista que, embora sólido o delineamento de uma metanálise, suas análises são transversais, com diferente poder inferencial.

Ao analisar as relações entre os julgamentos dos pais sobre distribuição de brinquedos e o tempo dispendido pelas crianças com os brinquedos, encontramos possíveis explicações para a ausência de diferenciações entre os gêneros. Prevemos que a desejabilidade dos pais por brinquedos tipificados pelo gênero faria com que as crianças se envolvessem mais com brinquedos relacionados ao gênero (Hipótese 4). Divergindo disso, nossos achados indicaram que o nível de desejabilidade dos pais de meninos pelos brinquedos neutros permitiram que os meninos passassem mais tempo com kit de cozinha do que os outros brinquedos. Igualmente, foram encontradas relações inversamente proporcionais entre essa desejabilidade por brinquedos neutros e o tempo dos meninos com caminhão e brinquedos considerados masculinos. Isto é, os meninos poderiam sentir menos pressionado a interagir com os brinquedos pertencentes ao seu gênero.

Este é um achado diferencial na literatura e resultados semelhantes não foram identificados até o momento pelos pesquisadores. Poucos estudos identificaram assimetria entre as expectativas dos pais e preferências dos filhos (e.g., Lindsey et al., 2010; Eisenberg et al., 1985), porém, esses não analisaram qualquer dimensão de julgamento dos pais sobre brinquedos neutros, somente os tipificados pelo gênero. Além

disso, também não há comparativo dos julgamentos dos pais com crianças tão novas como as incluídas no estudo. De forma geral, a maioria dos estudos identificam que pais tem maiores preferências por brinquedos estereotipados e esses tendem a disponibilizar esse tipo de brinquedos conforme o sexo do seu filho (ver revisões: Brown, & Stone, 2018; Lytton & Romney, 1991; Morawska et al., 2020). Inclusive, há estudos que encontraram que os pais geralmente acreditam que é apropriado para meninos e meninas brincarem com brinquedos masculinos, mas apenas as meninas podem brincar com brinquedos femininos (Campenni, 1999; Wood et al., 2002; Kollmayer et al., 2018). Por fim, é importante pontuar que as crianças aparentam ter consciência dos julgamentos de seus pais sobre a adequação de brinquedos específicos de gênero para meninos e meninas (Raag & Rackliff, 1998). Neste sentido, refletimos sobre o que poderia estar por sustentando esse desfecho.

Avaliamos a possibilidade de que os meninos podem não tipificar o kit de cozinha como um brinquedo considerado feminino. Alguns estudos (Weisgram et al., 2014; Wong, & Hines, 2015) com crianças mais velhas mostram que existem características dos objetos que auxiliam no processo de tipificação, como formato, cor e presença de rótulos explícitos. Os mesmos objetos com cores manipuladas podem levar as crianças a categorizarem os brinquedos de forma diferentes (e.g., uma varinha de fada ser categorizada como feminino quando for da cor rosa e neutro quando estiver nas cores azul, preto e vermelho; Weisgram et al., 2014). As cores neutras do kit de cozinha (que foram controladas no delineamento de pesquisa) podem ter permitido uma outra categorização por parte dos meninos.

Também podemos pensar que, ainda que os meninos tenham considerado enquanto brinquedos femininos, eles possam ter ignorado esse rótulo em detrimento de preferência pessoal, em uma busca de reprodução de atividades que eles veem seus

cuidadores primários executarem, entre outros motivos previstos pela perspectiva teórica assumida. Consideramos imprescindível a reprodução desse estudo para avaliar se os mesmos resultados são encontrados, principalmente porque há poucos estudos com crianças dessa faixa-etária que avaliam também os julgamentos dos pais. Um estudo futuro, inclusive, poderia incluir as avaliações das motivações das crianças em se envolverem com determinados brinquedos.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo trouxe contribuições importantes para a área de Psicologia do Desenvolvimento no Brasil, particularmente para os subtemas de desenvolvimento de gênero e brincadeiras. Primeiramente, a identificação da expressão desse comportamento em meninas brasileiras de nove meses é extremamente relevante, visto que há poucos estudos que avaliam essa preferência em faixas-etárias precoces usando um delineamento no qual as crianças interagem com brinquedos reais, sendo um acréscimo a literatura (ver Todd et al, 2016; e Todd et al., 2018). Ademais, não há estudos nacionais que incluam crianças nessa faixa-etária, ainda que seja um campo bastante diversificado, logo, permitiu a inclusão de dados de crianças brasileiras em uma discussão de décadas. Por fim, trouxe novas possibilidades de investigação para o campo, tendo em vista o resultado sobre a desejabilidade por brinquedos neutros dos pais afetarem o tempo que meninos dispõem com um brinquedo considerado feminino, algo que pode orientar pesquisas futuras para entender este efeito.

A possibilidade de que meninos e meninas sigam trajetórias de desenvolvimento diferentes com relação à seleção de brinquedos de gênero é indicada nesta pesquisa. O misto de resultados encontrado é consistente com as perspectivas aqui assumidas de um modelo triádico que interage por meio de pressões ambientais e padrões biológicos, porém, ainda são reguladas pelos interesses pessoais das crianças. Porém, os dados indicam a necessidade de maior compreensão das motivações das crianças para brincar com brinquedos específicos, para entender mais aprofundamento os mecanismos que fortalecem o comportamento tipificado pelo gênero evidenciado por tantas pesquisas (ver Davis, & Hines, 2020).

Foram observados pontos positivos no presente estudo, como a inclusão de uma faixa-etária ampla e precoce de crianças em contexto de creche, o experimento ter

ocorrido em situação de brincadeira espontânea e intencional e os registros terem sido delineados de forma a fazer comparações transculturais futuramente. Porém, limitações relevantes também ocorreram.

Primeiro, a presença de uma pesquisadora feminina e, em algumas situações, das professoras, podem ter diminuído a probabilidade de desvios da norma. Segundo Todd et al. (2018), há um efeito da presença de adultos durante o experimento. Embora benéfico em alguns pontos, considerando que a criança se sente mais a vontade, também podemos considerar delineamentos futuros com a amostra brasileira no qual os pesquisadores não estejam visíveis para as crianças. Além disso, os instrumentos selecionados para avaliar os julgamentos dos pais apesar de simples e objetivos, não possuem uma validação psicométrica com amostras brasileiras. Caminhos futuros poderiam ser da elaboração de um instrumento ou até mesmo do processo de validação dos instrumentos de Kollmayer (2018).

Também reconhecemos que os resultados deste estudo dizem respeito aos brinquedos específicos selecionados como estímulos; esses foram baseados em estereótipos de pessoas de diferentes cidades do Brasil, ainda que a coleta tenha sido realizada em duas cidades de um mesmo estado. Considerando que há variação de cultura regional, recomendamos sempre uma avaliação a priori dos julgamentos dos adultos da mesma comunidade que a criança. Orientamos, inclusive, que se utilize fotos também dos brinquedos (em cores neutras), para aumentar a acurácia. Não utilizamos este recurso imagético em nossa avaliação, o que dificultou na seleção dos brinquedos em si e que pode explicar também a considerável variabilidade entre meninos e meninas no número de intervalos de tempo de jogo com brinquedos específicos. Por fim, destaca-se que o delineamento inicial de avaliar as crianças por agrupamentos de faixa-etárias estabelecidas pela expressão de gênero não foi possível devido a contingências

da pesquisa. Trata-se de um efeito importante considerar o conhecimento de gênero da criança, assim, recomendamos a inclusão desse fator de análise em futuros estudos.

**REFERÊNCIAS**

- Alexander, G. M., & Hines, M. (2002). Sex differences in response to children 's toys in nonhuman primates (*Cercopithecus aethiops sabaeus*). *Evolution and Human Behavior*, 23(6), 467-479. [https://doi.org/10.1016/S1090-5138\(02\)00107-1](https://doi.org/10.1016/S1090-5138(02)00107-1)
- Alexander, G. M., & Saenz, J. (2012). Early androgens, activity levels and toy choices of children in the second year of life. *Hormones and Behavior*, 62(4), 500–504. <https://doi.org/10.1016/j.yhbeh.2012.08.008>
- Alexander, G. M., Wilcox, T., & Woods, R. (2009). Sex differences in infants' visual interest in toys. *Archives of Sexual Behavior*, 38(3), 427–433. <https://doi.org/10.1007/s10508-008-9430-1>
- Auster, C. J., & Mansbach, C. S. (2012). The gender marketing of toys: an analysis of color and type of toy on the Disney store website. *Sex Roles*, 67, 375–388. <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-012-0177-8>
- Bandeira, J. T., & Costa, C. O. da. (2019a). De menina e de menino: a influência de pais e familiares na segregação de brinquedos e brincadeiras por gênero. *Revista Ártemis*, 27(1), 285-305. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.41450>
- Bandeira, J. T., & Costa, C. O. da. (2019b). O que os adultos compreendem como gênero? Uma perspectiva sob olhar do terapeuta ocupacional em relação aos brinquedos e brincadeiras. *Revista Ártemis*, 28(1), 191-208. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2019v28n1.41510>
- Benenson, J. F., Tennyson, R., & Wrangham, R. W. (2011). Male more than female infants imitate propulsive motion. *Cognition*, 121(2), 262–267. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2011.07.006>

- Benenson, J., Liroff, E., Pascal, S., & Della Cioppa, G. (1997). Propulsion: a behavioral expression of masculinity. *British Journal of Developmental Psychology*, *15*, 37–50. <https://doi.org/10.1111/j.2044-835X.1997.tb00723.x>
- Bento, Berenice. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual* (1a. ed.). Garamond.
- Bentzen, W. R. (2012). *Guia para observação e registro do comportamento infantil* (1a. ed.). Cengage Learning.
- Bernardes, E. L. (2011). *Crianças, televisão e brincadeiras: uma das histórias possíveis*. [Tese de Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Estadual de Campinas.
- Bichara, I. D., Lordelo, E. da R., & Magalhães C. M. C. (2018). Por que brincar? Brincar para quê? A perspectiva evolucionista sobre a brincadeira. In M. E. Yamamoto, J. V. Valentova (Orgs.), *Manual de Psicologia Evolucionista* (pp. 448-463). Edufrn.
- Blakemore, J.E.O., Centers, R.E. Characteristics of boys' and girls' boys. *Sex Roles* *53*, 619–633 (2005). <https://doi.org/10.1007/s11199-005-7729-0>
- Brougère, G. (2010). *Brinquedo e cultura* (8a ed). Cortez. (Obra publicada originalmente em 1992).
- Bueno, C. M. L. B. (2006). O papel das representações sociais e da educação para o desenvolvimento da identidade de gênero. *Journal of Human Growth and Development*, *16*(3), 92-103. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822006000300011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300011&lng=pt&tlng=pt)

- Bussey, K., & Bandura, A. (1992). Self-regulatory mechanisms governing gender development. *Child Development, 65*(5), 1236-1250.  
<https://doi.org/10.2307/1131530>
- Bussey, K., & Bandura, A. (1999). Social cognitive theory of gender development and differentiation. *Psychological Review, 106*(4), 676-713.  
<https://doi.org/10.1037/0033-295X.106.4.676>
- Campbell, A., Shirley, L., Heywood, C., & Crook, C. (2000). Infants' visual preference for sex-congruent babies, children, toys and activities: a longitudinal study. *British Journal of Developmental Psychology, 18*(4), 479-498.
- Campenni, E. C. (1999). Gender stereotyping of children's toys: a comparison of parents and nonparents. *Sex Roles, 40*, 121-138.  
<http://dx.doi.org/10.1023/A:1018886518834>
- Cherney, I. D., & Dempsey, J. (2010). Young children's classification, stereotyping and play behaviour for gender neutral and ambiguous toys. *Educational Psychology, 30*(6), 651-669. <https://doi.org/10.1080/01443410.2010.498416>
- Connellan, J., Baron-Cohen, S., Wheelwright, S., Batki, A., & Ahluwalia, J. (2000). Sex differences in human neonatal social perception. *Infant behavior and Development, 23*(1), 113-118. [https://doi.org/10.1016/S0163-6383\(00\)00032-1](https://doi.org/10.1016/S0163-6383(00)00032-1)
- Cordazzo, S. T. D., & Vieira, M. L. (2007). A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. *Estudos e pesquisas em psicologia, 7*(1), 89-101.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812007000100009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100009&lng=pt&tlng=pt)

- Cunha, E. M. de A. (2008). *Identidade de gênero em situação de brinquedo: um estudo com crianças pré-escolares*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Repositório PUC-SP.
- Davis, J. T. M., & Hines, M. (2020). How large are gender differences in toy preferences? A systematic review and meta-analysis of toy preference research. *Archives of Sexual Behavior, 49*, 373–394. <https://doi.org/10.1007/s10508-019-01624-7>
- Dessen, M. A., & Guedea, M. T. D. (2005). A ciência do desenvolvimento humano: ajustando o foco de análise. *Paidéia, 15*(30), 11–20. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000100004>
- Dinella, L. M., & Weisgram, E. S. (2018). Gender-typing of children's toys: causes, consequences, and correlates. *Sex Roles, 79*(5-6), 253-259. <https://doi.org/10.1007/s11199-018-0943-3>
- Eisenberg, N., Wolchik, S. A., Hernandez, R., & Pasternack, J. F. (1985). Parental socialization of young children's play: a shortterm longitudinal study. *Child Development, 56*(6), 1506–1513. <https://doi.org/10.2307/1130469>
- Eliot, L. (2018). Impact of gender-typed toys on children's neurological development. In E. S. Weisgram & L. M. Dinella (Eds.), *Gender typing of children's toys: how early play experiences impact development* (pp. 167–187). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/0000077-009>
- Fabes, R. A., Martin, C. L., & Hanish, L. D. (2003). Young children's play qualities in same-, other-, and mixed-sex peer groups. *Child Development, 74*, 921–932. <http://dx.doi.org/10.1111/1467-8624.00576>

- Farias, M. C. de. (2017). *A loja de brinquedos na produção das infâncias contemporâneas: uma leitura a partir dos Estudos Culturais em Educação*. (Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Luterana do Brasil).
- Field, A. *Descobrendo a Estatística Usando o SPSS* (5a ed.). Penso.
- Godoy, K. N. B. (2017). *Construção das identidades de gênero na infância: os discursos dos brinquedos e brincadeiras* (Dissertação de Mestrado em Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora). Repositório Institucional UFJF.
- Grillo, R. de M., Spolaor, G. da C., & Prodócimo, E.. (2019). Notas sobre o brinquedo: possível diálogo entre Brougère, Benjamin e Vigotski. *Pro-posições*, 30, e20160005. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0005>
- Hassett, J. M., Siebert, E. R., & Wallen, K. (2008). Sex differences in rhesus monkey toy preferences parallel those of children. *Hormones and behavior*, 54(3), 359-364. <https://doi.org/10.1016/j.yhbeh.2008.03.008>
- Heckman, J. J. (2006). Skill formation and the economics of investing in disadvantaged children. *Science*, 312(5782), 1900-1902. <https://doi.org/10.1126/science.1128898>
- Hines, M. (2010). Sex-related variation in human behavior and the brain. *Trends in Cognitive Sciences*, 14(10), 448–456. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2010.07.005>
- Jadva, V., Hines, M., & Golombok, S. (2010). Infants' preferences for toys, colors, and shapes: Sex differences and similarities. *Archives of Sexual Behavior*, 39(6), 1261-1273. <https://doi.org/10.1007/s10508-010-9618-z>
- Jesus, J. G. de. (2012). *Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos*. Editora da Universidade Federal de Goiás.
- Kollmayer, M., Schultes, M. T., Schober, B., Hodosi, T., & Spiel, C. (2018). Parents' judgments about the desirability of toys for their children: associations with gender



- role attitudes, gender-typing of toys, and demographics. *Sex roles*, 79(5-6), 329-341. <https://doi.org/10.1007/s11199-017-0882-4>
- Lamminmäki, A., Hines, M., Kuiri-Hänninen, T., Kilpeläinen, L., Dunkel, L. & Sankilampi, U. (2012). Testosterone measured in infancy predicts subsequent sex-typed behavior in boys and in girls. *Hormones and Behavior*, 61, 611–616. <https://doi.org/10.1016/j.yhbeh.2012.02.013>
- Landis, J. R., & Koch, G. G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, 33(1), 159–174.
- Leaper, C. (2015). Gender and social-cognitive development. In L. S. Liben, U. Müller, & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology and developmental science: cognitive processes* (pp. 806–853). John Wiley & Sons, Inc. <https://doi.org/10.1002/9781118963418.childpsy219>
- Leaper, C., & Bigler, R. S. (2018). Societal causes and consequences of gender typing of children's toys. In E. S. Weisgram & L. M. Dinella (Eds.), *Gender typing of children's toys: how early play experiences impact development* (pp. 287–308). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/0000077-009>
- Liben, L. S., Schroeder, K. M., Borriello, G. A., & Weisgram, E. S. (2018). Cognitive consequences of gendered toy play. In E. S. Weisgram & L. M. Dinella (Eds.), *Gender typing of children's toys: how early play experiences impact development* (p. 213–255). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/0000077-009>
- Lindsey, E. W., Cremeens, P. R., & Caldera, Y. M. (2010). Gender differences in mother-toddler and father-toddler verbal initiations and responses during a caregiving and play context. *Sex Roles*, 63(5–6), 399–411. <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9803-5>

- Lutchmaya, S., & Baron-Cohen, S. (2002). Human sex differences in social and non-social looking preferences, at 12 months of age. *Infant Behavior & Development*, 25(3), 319–325. [https://doi.org/10.1016/S0163-6383\(02\)00095-4](https://doi.org/10.1016/S0163-6383(02)00095-4)
- Lytton, H., & Romney, D. M. (1991). Parents' differential socialization of boys and girls: a meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 109, 267–296. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.109.2.267>
- Maia, J. M. D., & Williams, L. C. (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas em Psicologia*, 13(2), 91-103. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2005000200002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200002)
- Martin, C. L., & Cook, R. E. (2018). Cognitive perspectives on children's toy choices. In E. S. Weisgram & L. M. Dinella (Eds.), *Gender typing of children's toys: how early play experiences impact development* (pp. 141–164). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/0000077-008>
- Martin, C. L., Kornienko, O., Schaefer, D. R., Hanish, L. D., Fabes, R. A., & Goble, P. (2013). The role of sex of peers and gender-typed activities in young children's peer affiliative networks: a longitudinal analysis of selection and influence. *Child Development*, 84, 921–937. <http://dx.doi.org/10.1111/cdev.12032>
- Menezes, I. R. R., Lucena, J. M. F. de, & Brys, I. (2019). Girls wear pink and boys wear blue: na evolutionary study of gender stereotypes in Brazil [Apresentação de pôster]. *7th Summer Institute, International Society for Human Ethology*, Zadar, Croácia.
- Meyer, D. E. (2013). Gênero e educação: Teoria e política. In G. L. Louro, J., Felipe, J., & Goellner, S. V. (Org.), *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação* (9a. ed., pp. 13-29). Vozes.

- Morawska, A. (2020). The effects of gendered parenting on child development outcomes: a systematic review. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 23(4), 553–576. <https://doi.org/10.1007/s10567-020-00321-5>
- Murnen, S. K. (2018). Fashion or action? Gender-stereotyped toys and social behavior. In E. S. Weisgram & L. M. Dinella (Eds.), *Gender typing of children's toys: how early play experiences impact development* (pp. 189–211). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/0000077-010>
- O'Brien, M., Huston, A. C., & Risley, T. R. (1983). Sex-typed play of toddlers in a day care center. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 4(1), 1–9. [https://doi.org/10.1016/0193-3973\(83\)90054-0](https://doi.org/10.1016/0193-3973(83)90054-0)
- Pachner, O. (2014). Play, cognition and culture, *Review of Psychology*, 21(2), 145-151.
- Paduleto, S. P. (2010). *Gênero e suas manifestações na primeira infância: um estudo com crianças de 21 a 30 meses de idade*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Repositório PUC-SP.
- Papalia, D. E., Feldman, R. D., & Martorell, G. (2013). *Desenvolvimento Humano* (12a. ed.). AMGH Editora.
- Pascoto, R. (2006). *Primeiras manifestações de identidade de gênero: um estudo com crianças de 16 e 18 meses*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Repositório PUC-SP.
- Pine, K. J., & Nash, A. (2003). Barbie or Betty? Preschool children's preference for branded products and evidence for gender-linked differences [Abstract]. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, 24, 219–224. <http://dx.doi.org/10.1097/00004703-200308000-00001>

- Pontes, F. A. R., & Magalhães, C. M. C. (2003). A transmissão da cultura da brincadeira: algumas possibilidades de investigação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 117-124. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000100012>
- Raag, T., & Rackliff, C. L. (1998). Preschoolers' awareness of social expectation of gender: relationships to toy choices. *Sex Roles*, 38, 685–700. <http://dx.doi.org/10.1023/A:1018890728636>
- Robinson, T. N., Saphir, M. N., Kraemer, H. C., Varady, A., & Haydel, K. F. (2001). Effects of reducing television viewing on children's requests for toys: a randomized controlled trial. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, 22, 179–184. [http://journals.lww.com/jrnldb/Abstract/2001/06000/Effects\\_of\\_Reducing\\_Television\\_Viewing\\_on.5.aspx](http://journals.lww.com/jrnldb/Abstract/2001/06000/Effects_of_Reducing_Television_Viewing_on.5.aspx)
- Rocha, S. O. (2021). *As diferenças de gênero nas preferências de brinquedos: uma revisão sistemática*. (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, Universidade Federal do Vale do São Francisco).
- Ruaro, G. W. (2018). *O fenômeno Barbie: história e comunicação*. (Trabalho de conclusão, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Lume: Repositório Digital UFRGS.
- Santos, A. P. dos, Barbato, S. B., & Delmondez, P. (2018). Polifonia na produção do binarismo de gênero em brincadeiras na primeira infância. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(4), 758-772. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002302017>
- Sayão, D. T. (2006). A construção de identidade e papéis de gênero na infância: Articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física infantil. *Pensar a Prática*, 5, 1–14. <https://doi.org/10.5216/rpp.v5i0.43>

- Schultz, D. B., & Souza, F. L. F. D. (1995). O brincar e suas contribuições no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil. *Fundação Carlos Chagas: cadernos de pesquisa*, 92, 62-69.
- Serbin, L. A., Connor, J. M., Burchardt, C. J., & Citron, C. C. (1979). Effects of peer presence on sex-typing of children's play behavior. *Journal of Experimental Child Psychology*, 27, 303–309. [http://dx.doi.org/10.1016/0022-0965\(79\)90050-X](http://dx.doi.org/10.1016/0022-0965(79)90050-X)
- Servin, A., Bohlin, G., & Berlin, L. (1999). Sex differences in 1-, 3-, and 5-year-olds' toy-choice in a structured play-session. *Scandinavian Journal of Psychology*, 40(1), 43–48. <https://doi.org/10.1111/1467-9450.00096>
- Shaffer, D. R., & Kipp, K. (2012). *Psicologia do Desenvolvimento: infância e adolescência*. Cengage Learning.
- Sunaga, F. B. (2015). Sobre o uso e implicações do Termo de Assentimento para crianças em pesquisas biomédicas no Brasil. (Dissertação de Mestrado em Ciências, Universidade Estadual de Campinas). Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp.
- Todd, B. K., Barry, J. A., & Thommessen, S. A. (2017). Preferences for 'gender-typed' toys in boys and girls aged 9 to 32 months. *Infant and Child Development*, 26 (3), e1986. <https://doi.org/10.1002/icd.1986>
- Todd, B. K., Fischer, R. A., Di Costa, S., Roestorf, A., Harbour, K., Hardiman, P., & Barry, J. A. (2018). Sex differences in children's toy preferences: a systematic review, meta-regression, and meta-analysis. *Infant and Child Development*, 27(2), e2064. <https://doi.org/10.1002/icd.2064>
- Torrão Filho, A. (2005). Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, 24, 127-152. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332005000100007>

- Van De Beek, C., Van Goozen, S. H. M., Buitelaar, J. K., & Cohen-Kettenis, P. T. (2009). Prenatal sex hormones (maternal and amniotic fluid) and gender-related play behavior in 13-month-old infants. *Archives of Sexual Behavior*, 38(1), 6–15. <https://doi.org/10.1007/s10508-007-9291-z>
- Vasconcelos, D. C. de. (2017). *Concepções de mães, pais e educadoras sobre o desenvolvimento infantil e gênero*. (Tese de Doutorado em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba). Repositório Institucional da UFPB.
- Villena, A. L. (2011). *Como classificar a população brasileira em classes socioeconômicas* (Monografia em Relações Públicas, Propaganda e Turismo, Universidade de São Paulo).
- Weisgram, E. S. (2018). Gender typing of toys in historical and contemporary contexts. In E. S. Weisgram & L. M. Dinella (Eds.), *Gender typing of children's toys: how early play experiences impact development* (p. 9-22). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/0000077-008>
- Weisgram, E. S., & Bruun, S. T. (2018). Predictors of gender-typed toy purchases by prospective parents and mothers: the roles of childhood experiences and gender attitudes. *Sex Roles*, 79(5-6), 342–357. <https://doi.org/10.1007/s11199-018-0928-2>
- Weisgram, E. S., Fulcher, M., & Dinella, L. M. (2014). Pink gives girls permission: exploring the roles of explicit gender labels and gender typed colors on preschool children's toy preferences. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 35, 401–409. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2014.06.004>
- Wilansky-Traynor, P., & Lobel, T. E. (2008). Differential effects of an adult observer's presence on sex-typed play behavior: a comparison between gender-schematic and gender-aschematic preschool children. *Archives of Sexual Behavior*, 37(4), 548–557. <https://doi.org/10.1007/s10508-008-9342-0>

- Wong, W. I., & Hines, M. (2015). Effects of gender color-coding on toddlers' gender-typical toy play. *Archives of Sexual Behavior, 44*(5), 1233–1242.  
<https://doi.org/10.1007/s10508-014-0400-5>
- Wood, E., Desmarais, S., & Gugula, S. (2002). The impact of parenting experience on gender stereotyped toy play of children. *Sex Roles, 47*, 39–49.  
<http://dx.doi.org/10.1023/A:1020679619728>
- Yogman, M., Garner, A., Hutchinson, J., Hirsh-Pasek, K., Golinkoff, R. M., Committee on Psychosocial Aspects of Child and Family Health, & Council on Communications and Media (2018). The power of play: a pediatric role in enhancing development in young children. *Pediatrics, 142*(3), e20182058.  
<https://doi.org/10.1542/peds.2018-2058>

## APÊNDICES

### Apêndice A – Ficha de registro para a videogravação do experimento

<b>Primeiro nome da criança:</b>	
<b>Duração total do vídeo:</b>	
<b>Marco de início do registro:</b>  Registre o tempo do vídeo onde se iniciou a contagem de 5 segundos.	
<b>Marco final do registro:</b>  Registre o tempo do vídeo fez o último registro de qual brinquedo a criança estava	

	Bola	Quebra-cabeça	Boneca	Chá de cozinha	Caminhão	Animais de brinquedo	Código para Kappa
Intervalo 1							
Intervalo 2							
Intervalo 3							
Intervalo 4							
Intervalo 5							
Intervalo 6							
Intervalo 7							
Intervalo 8							
Intervalo 9							
Intervalo 10							
Intervalo 11							
Intervalo 12							
Intervalo 13							



<b>Intervalo 14</b>							
<b>Intervalo 15</b>							
<b>Intervalo 16</b>							
<b>Intervalo 17</b>							
<b>Intervalo 18</b>							
<b>Intervalo 19</b>							
<b>Intervalo 20</b>							
<b>Intervalo 21</b>							
<b>Intervalo 22</b>							
<b>Intervalo 23</b>							
<b>Intervalo 24</b>							
<b>Intervalo 25</b>							
<b>Intervalo 26</b>							
<b>Intervalo 27</b>							
<b>Intervalo 28</b>							
<b>Intervalo 29</b>							
<b>Intervalo 30</b>							
<b>Intervalo 31</b>							
<b>Intervalo 32</b>							
<b>Intervalo 33</b>							
<b>Intervalo 34</b>							
<b>Intervalo 35</b>							
<b>Intervalo 36</b>							

## ANEXOS

## Anexo A – Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

USP- INSTITUTO DE  
PSICOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE DE SÃO



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** As diferenças de gênero nas escolhas de brinquedos de crianças de 9 a 32 meses

**Pesquisador:** SAMARA OLIVEIRA ROCHA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 64481722.9.0000.5561

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

**Patrocinador Principal:** FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.767.817

**Apresentação do Projeto:**

O presente estudo tem como objetivo investigar se as diferenças de gênero na escolha de brinquedos são expressadas por crianças em contextos brasileiros de educação infantil. Além disso, investigará também se a idade das crianças interfere na preferência por brinquedos durante a brincadeira e se há relação com o julgamento das mães sobre os papéis sociais de gênero.

Para alcançar esse objetivo, será realizado uma pesquisa quase-experimental descritiva com 36 crianças de nove a 32 meses e, para as informações referentes aos dados socio demográficos da amostra, além do levantamento dos julgamentos das mães sobre papéis de gênero, será aplicado um questionário às mães das crianças participantes, que é composto por três instrumentos de pesquisa (Classificação Econômica da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa; Classificação de Tipagem de Gênero; Julgamentos sobre desejabilidade dos brinquedos).

Será realizado um recrutamento de 36 crianças matriculadas em instituições de educação infantil de São Paulo (SP) e Viçosa (MG) e cujas mães concordam em compor a amostra. Serão excluídas aquelas que possuem diagnóstico de distúrbios de desenvolvimento, segundo as informações dos responsáveis, aquelas que não são capazes de rastrear ou engatinhar/andar de forma independente e/ou as que não quiserem, no momento da coleta de dados, participar da escolha do brinquedo ou que apresentarem desconforto, como choro prolongado e/ou irritabilidade durante a participação. A amostra também incluirá as mães ou responsáveis (n=36) dessas crianças, que serão incluídas se seus filhos atenderem os critérios de elegibilidade. Neste estudo,

**Endereço:** Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 05.508-030

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)3091-4182

**E-mail:** cep.ip@usp.br

Continuação do Parecer: 5.767.817

se entrará em contato com as coordenações, para apresentarem a lista de chamadas das turmas que incluem crianças de nove a trinta e dois meses. Será utilizado a lista de chamada para entrar em contato com as mães ou familiares responsáveis seguindo a ordem alfabética até que seja atingido a amostra esperada. Realizará uma reunião com o responsável para conseguir a permissão destes para a participação do filho(a) na pesquisa, bem como solicitar-lhes que também contribuam para o levantamento online de informações. Ao final da coleta, as informações referentes à criança serão organizadas em grupos de faixa etária e será codificado tempo de observação, que será dividido em 36 intervalos de cinco segundos, para registrar a frequência de tempo gasto pelas crianças com um brinquedo específico. O questionário dos pais será organizado em escores dos instrumentos e médias alcançadas. A codificação de brinquedos serão analisados em função dos dados sociodemográficos da criança (sexo e idade), dos tipos de brinquedos do estudo e das médias obtidas no questionário dos pais. Serão utilizadas estatísticas descritivas como média, frequência, desviopadrão e o teste de Kolmogorov-Smirnov; e estatísticas inferenciais, como o teste de Mann-Whitney, ou seu similar para distribuição paramétrica, e Kruskal-Wallis, ou seu similar, para a comparação entre os grupos de amostra; e testes de correlação Spearman, ou seu similar paramétrico, para verificar a relação entre as variáveis estudadas."

A mãe irá gravar seu filho brincando durante 5 (cinco) minutos, e essa filmagem será utilizada unicamente para os objetivos da pesquisa. Vale destacar que os vídeos e qualquer imagem não será disponibilizado ou apresentado para qualquer pessoa além dos pesquisadores responsáveis. Os vídeos ficarão armazenados em uma pasta do One Driver de acesso restrito.

A coleta será realizada na escola, sob a supervisão da professora e equipe escolar. O questionário será enviado via aplicativo de mensagem, para facilitar o acesso.

**Desfecho Primário:**

Medidas de tempo com os brinquedos por cada criança. Espera-se diferenças entre os sexos nestas medidas.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

"O objetivo geral deste estudo é investigar as diferenças de gênero nas preferências por brinquedos que são expressas por crianças brasileiras de 09 a 32 meses de idade.

**Objetivo Secundário:**

**Endereço:** Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3091-4182 **E-mail:** cep.ip@usp.br

USP- INSTITUTO DE  
PSICOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE DE SÃO



Continuação do Parecer: 5.767.817

Verificar se a idade das crianças interfere na preferência por brinquedos durante a brincadeira;  
Avaliar se as diferenças de gênero nas preferências de brinquedos estão relacionadas ao julgamento das mães sobre os papéis sociais de gênero."

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

"Os riscos para os participantes da pesquisa são baixos. Ao responder o questionário, as mães ou responsáveis podem possivelmente sentir desconforto, constrangimento ou vergonha. E as crianças podem sentir constrangimento, vergonha e, até mesmo, medo, por estarem sendo observadas e filmadas. No entanto, os pesquisadores responsáveis pelos projetos são qualificados para reverter quaisquer constrangimentos que possam surgir, acompanhando devidamente a coleta, e encaminhando os participantes para órgão competente para tratamento e cuidado devidos, se houver necessidade.

Benefícios:

Acredita-se que o delineamento de pesquisa do presente estudo possa gerar resultados que ampliem a compreensão sobre esse fenômeno e promovam recomendações para pesquisas e intervenções futuras que possam contribuir para a diminuição das desigualdades de gênero. Além disso, os benefícios desta pesquisa superam os riscos, por considerar que essa pesquisa oferece risco baixo aos participantes e, após a finalização do estudo, há a possibilidade de produção de conhecimento para o campo da primeira infância, bem como também servirá para construir intervenções, programas e políticas públicas que possibilitem que as crianças tenham experiências na infância que não sejam limitadas pelo seu gênero e que possam vir a contribuir para diminuir a desigualdade de gênero em nosso país.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa relevante que poderá contribuir para minorar as questões de gênero na sociedade e junto às famílias das crianças também. Aborda as questões éticas e de cuidado com as crianças e suas famílias.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos são adequadamente apresentados. As pesquisadoras se comprometem a anexar as Declaração de demonstrativo de existência de infraestrutura das instituições participantes quando estiverem assinadas por meio de "notificação" na Plataforma Brasil.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Projeto aprovado.

**Endereço:** Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3091-4182 **E-mail:** cep.ip@usp.br

USP- INSTITUTO DE  
PSICOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE DE SÃO



Continuação do Parecer: 5.767.817

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2008233.pdf	18/10/2022 20:55:54		Aceito
Declaração de Pesquisadores	TermoDeCompromissoESigilo_assinado.pdf	18/10/2022 20:54:48	SAMARA OLIVEIRA ROCHA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaracaoInfraestrutura.pdf	18/10/2022 20:54:02	SAMARA OLIVEIRA ROCHA	Aceito
Declaração de concordância	CartasAnuencia.pdf	18/10/2022 20:53:09	SAMARA OLIVEIRA ROCHA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	18/10/2022 20:51:40	SAMARA OLIVEIRA ROCHA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado.pdf	18/10/2022 20:51:21	SAMARA OLIVEIRA ROCHA	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	18/10/2022 18:10:54	SAMARA OLIVEIRA ROCHA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO PAULO, 21 de Novembro de 2022

---

**Assinado por:**  
**Helena Rinaldi Rosa**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 05.508-030

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)3091-4182

**E-mail:** cep.ip@usp.br

## **Anexo B - Formulário sobre as características sociodemográficas e valores de gênero parentais aplicados aos pais**

### *Questionário socioeconômico e demográfico*

As perguntas a seguir são referentes a dados socioeconômicos e demográficos.

Por favor, responda com atenção.

**Nome completo:**

**Idade:**

**Estado Civil:**

- Solteira
- Casada
- Separada
- Divorciada
- Viúva

**Escolaridade:**

- Não estudei
- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino técnico incompleto
- Ensino técnico completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo

**Como você se identifica?**

- Mulher (cis ou trans)
  - Homem (cis ou trans)
  - Outro:
- 

**Conforme o Censo do IBGE, você se considera:**

- Indígena(o)
- Amarela(o)
- Preta(o)
- Parda(o)
- Branca(o)

**Cidade e estado que você mora?**

**Qual é o nome da criança pelo qual é responsável?**

**Qual o grau de parentesco com a criança? (ex: mãe, pai, tia, etc)**

**Qual a data de nascimento da criança?**

**Sexo da criança:**

- Feminino
- Masculino

**Conforme o Censo do IBGE, você se considera a criança:**

- Indígena(o)
- Amarela(o)
- Preta(o)
- Parda(o)
- Branca(o)

**A criança tem irmãos?**

- Sim

- Não

**Quantos?** \_\_\_\_\_

**Quais idades?** \_\_\_\_\_

**Quais são os sexos?** (Não inclua o sexo da criança que está sendo pesquisada)

\_\_\_\_\_

**Qual sua renda familiar?** \_\_\_\_\_

*Questionário Socioeconômico (Critérios de Classificação da ABEP, 2016)*

Neste momento farei perguntas sobre os itens que você tem em sua casa para que seja realizada a classificação econômica. Todos os itens de eletroeletrônicos que citarei devem estar funcionando, incluindo aqueles que estão guardados. Caso não estejam funcionando, os considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

Em sua casa você tem:

Itens	Não possui	Quantidade de Itens			
		1	2	3	4+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular:					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana:					
Quantidade de máquinas de lavar roupa (excluindo					



tanquinho):					
Quantidade de banheiros:					
Quantidade de aparelhos que leem DVD (aparelho de DVD, Computador, Notebook, etc):					
Quantidade de geladeiras:					
Quantidade de freezers independentes ou parte da geladeira duplex (o freezer e a geladeira tem um compartimento de separação):					
Quantidade de microcomputadores, considerando 20. Marcar apenas uma oval. Rede geral de distribuição Poço ou nascente Outro meio 21. Marcar apenas uma oval. Asfaltada/Pavimentada Terra/Cascalho computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones:					
Quantidade de lavadora de louças:					
Quantidade de fornos de microondas:					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional:					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca:					

A água utilizada neste domicílio é proveniente de?

- Rede geral de distribuição
- Poço ou nascente
- Outro meio

Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:

- Asfaltada/Pavimentada
- Terra/Cascalho

Qual é o grau de instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.

- Analfabeto ou Fundamental I incompleto
- Fundamental I completo ou Fundamental II Incompleto
- Fundamental completo ou Médio Incompleto
- Médio completo ou Superior incompleto
- Superior completo

*Julgamentos sobre desejabilidade dos brinquedos*

[O instrumento foi adaptado do estudo de Kollmayer et al. (2018)]

Abaixo são apresentadas algumas opções de brinquedos para seu filho/ sua filha.

Gostaria que indicasse o quão desejável é cada um dos brinquedos para seu filho/sua filha. Avalie de 1 a 10, sendo que 1 é considerado pouco desejável e 5 é muito desejável.

O quão desejável é cada um desses brinquedos?

<b>Brinquedos</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
Boneca					
Kit de Cabeleireiro					
Ursinho de pelúcia					
Kit de cozinha					
Casa de boneca					
Animais de brinquedos					
Carrinho					

Bonecos					
Caminhão					
Escavadeira					
Quebra-cabeça					
Bola					
Telefone de brinquedo					
Blocos de montar coloridos					
Brinquedos de Lego					

*Classificação da tipagem de gênero dos brinquedos*

[O instrumento foi adaptado do estudo de Kollmayer et al. (2018)]

Agora gostaríamos que você classificasse, na escala abaixo, se os brinquedos são adequados para meninos, para meninas ou para os dois. Classifique abaixo para quem os brinquedos são mais adequados:

<b>Brinquedos</b>	<b>Meninos</b>	<b>Meninas</b>	<b>Para meninos e meninas</b>
Boneca			
Kit de Cabeleireiro			
Ursinho de pelúcia			
Kit de cozinha			
Casa de boneca			
Animais de brinquedos			
Carrinho			
Bonecos			

Caminhão			
Escavadeira			
Quebra-cabeça			
Bola			
Telefone de brinquedo			
Blocos de montar coloridos			
Brinquedos de Lego			